

# LULA É A VITÓRIA DA ESPERANÇA

Com 60 milhões de votos, o presidente triunfa sobre o atraso e a extrema-direita e renova as expectativas do povo brasileiro de um governo amplo, democrático e que promova o desenvolvimento com justiça social



Olimpio

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 28 de Novembro de 2022 Nº 75

Começa transição de governo com a montagem da equipe

Lula é festejado no Egito ao discutir mudança climática

O mundo respira aliviado com a eleição de petista

Gal, Erasmo, Boldrin e Pablo Milanés. Gigantes da cultura



# focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO  
**Perseu Abramo**  
Partido dos Trabalhadores

## DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

## CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

## SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),  
Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia  
e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves  
das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França  
Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas  
(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane  
Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo  
(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína  
Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),  
Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio  
Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares  
Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),  
Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e  
Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

## CONTATOS

[webmaster@fpabramo.org.br](mailto:webmaster@fpabramo.org.br)

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

# CARTA AO LEITOR

Fim da campanha presidencial, novo presidente eleito. Vitória da democracia e triunfo nas urnas do projeto de inclusão social com desenvolvimento econômico e redução de desigualdades. Um novo tempo se abre para o Brasil, que retoma o caminho de construção de um país mais justo para todos.

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin coloca o país de volta aos trilhos de um projeto de bem-estar social para todos, apostando na integração latino-americana e recolocando o Brasil de volta à sua condição de líder na comunidade internacional.

Foi uma vitória difícil, mas o campo popular e progressista ganhou uma batalha importante. O resultado das urnas mostra o triunfo da civilização sobre a barbárie, cujo projeto negacionista, elitista e profundamente marcado pela indiferença e o desrespeito ao povo brasileiro foi derrotado pela democracia. Mesmo com o abuso do poder econômico e o uso escancarado da máquina pública.

Nesta edição comemorativa e histórica, a revista Focus Brasil mostra que a força do povo pavimentou a vitória eleitoral das forças progressistas e sociais, permitindo derrotar Jair Bolsonaro e seu projeto neoliberal que deixa como legado uma terra arrasada.

A primeira agenda internacional de Lula foi exitosa, assegurando o respeito dos chefes de outras nações ao Brasil. O Brasil foi ouvido – e aplaudido – quando Lula discursou diante da Conferência de Cúpula do Clima, realizada no Egito. Sua passagem por Portugal também mereceu distinção dos chefes de Estado e de Governo daquela Nação-Mãe. “O Brasil está de volta”, aponta a mídia internacional.

Agora, vem a parte difícil. Juntar os cacos para a reconstrução do Brasil. Lula, Alckmin e as forças sociais e progressistas vão dar conta dessa tarefa. E estaremos acompanhando e relatando os avanços e progressos. Como destacamos nesta edição.

Boa leitura!

## NESTA EDIÇÃO

# A VITÓRIA DA ESPERANÇA

Lula vence a mais dura disputa presidencial com 60,3 milhões de votos e acende a chama de dias melhores para o Brasil e o mundo.

Páginas 10 a 16

**ENTREVISTA.** José Luis Fiori analisa o impacto da vitória do presidente no mundo  
Página 4

**CRIMES.** PT vai insistir que Bolsonaro responda pelos ilícitos nos últimos 4 anos  
Página 17

**PARLAMENTO.** PT avança a bancada no Congresso. Mas a direita cresceu  
Página 18

**TRANSIÇÃO.** Alckmin coordena 31 grupos que diagnosticam os problemas  
Página 20

**RACISMO.** O desafio que o país ainda tem pela frente no Dia da Consciência Negra  
Página 22

**COP27.** No Egito, Lula anuncia um novo tempo para a Amazônia e indígenas  
Página 24

**MÍDIA.** A imprensa gringa comemora a volta do Brasil ao palco internacional  
Páginas 26

**HISTÓRIA.** A morte de Celso Furtado e a abertura dos arquivos da ditadura  
Páginas 28 e 29

**ARGENTINA.** A morte de Hebe de Bonafini, uma das Mães da Plaza de Mayo  
Página 30

**LUTO 1.** A morte de Gal Costa, aos 77 anos, deixa o Brasil e a música tristes  
Página 32

**LUTO 2.** O Tremendão Erasmo Carlos morre aos 81 anos no Rio de Janeiro  
Páginas 34

**LUTO 3.** O ator, cantor e violonista Rolando Boldrin deixa a música de luto  
Página 36

**LUTO 4.** Morre em Madri o cantor e compositor cubano Pablo Milanés  
Página 37

**ESPORTE.** Os fãs do vôlei brasileiro perdem a jogadora Isabel Salgado  
Página 38

# “A VOLTA DE LULA É UM ALENTO PARA A AMÉRICA LATINA”

O professor de economia política internacional da UFRJ prevê uma longa guerra cultural no continente, tendo em vista que a derrota da extrema-direita imposta por Lula, é apenas uma das muitas batalhas que teremos pela frente. “A América Latina é o único lugar do mundo onde o descontentamento e a fadiga social têm sido ainda capitalizadas eleitoralmente por forças políticas de esquerda, centro-esquerda e progressistas em geral”, lembra

## Alberto Cantalice e Pedro Camarão

**L**uiz Inácio Lula da Silva vai assumir a Presidência da República em 1º de janeiro de 2023. O nível de cobrança por diferentes setores do mercado financeiro e os seus representantes na grande mídia é enorme. O desejo de pressionar o presidente eleito é tão grande que os editorialistas e muitos dos comentaristas e colunistas de economia ignoram a linha do tempo. Fazem questão de esquecer que houve um golpe de Estado no Brasil e que o teto de gastos é uma regra fiscal que não

deu certo, algo já reconhecido por diferentes forças políticas e também pelas diferentes linhas de pensamento econômico.

A tentativa de pressionar Lula gerou reações críticas ao mercado, já que durante o governo Bolsonaro ela pouco ocorreu, mesmo com todo o desequilíbrio e desrespeito às instituições pelo governo que está chegando ao fim. É evidente que os setores que declaram apoio a Lula no segundo turno estão cobrando espaço já que ajudaram na vitória sobre Jair Bolsonaro. Lula teve 3 milhões de votos a mais que o presidente na segunda volta.

O debate entre desenvolvi-

mento e equilíbrio fiscal é muito mais antigo do que a política brasileira, segundo José Luís Fiori, professor titular de economia política internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele afirma que a briga não terá fim e que qualquer decisão sobre o tema será fundamentalmente política e tomada pelo presidente eleito.

O professor diz que o debate está longe de ser o mais importante neste momento. “A volta de Lula é muito importante para a reorganização da América Latina, bem como da geopolítica global e, claro, para o desenvolvimento do Brasil que passará por um mo-



mento extremamente importante devido à reorganização da ordem mundial". Leia os principais trechos da entrevista:

**Focus Brasil – Como você enxerga o papel do Brasil sob o novo governo Lula na geopolítica internacional?**

**José Luís Fiori** – Existem dois consensos internacionais, neste momento. O primeiro é que o mundo está atravessando uma transição extremamente tensa e turbulenta, e que deverá durar pelo menos durante toda a primeira metade do século 21. É o fim da ordem internacional do pós-Guerra Fria, a ascensão da Ásia ao centro do

tabuleiro econômico e geopolítico mundial, paralela ao declínio da hegemonia ética e cultural do mundo eurocêntrico, dentro do sistema internacional, e ao questionamento cada vez mais ostensivo do poder militar global dos "povos de língua inglesa".

O segundo, é que o mundo ocidental carece neste momento de governantes com a liderança indispensável para atravessar esta zona de turbulência. Ainda é impossível prever se esta transição se dará através de uma reforma e negociação prolongada, ou se envolverá uma nova guerra hegemônica. Certamente serão tempos muito difíceis.

Neste contexto, o retorno de Lula ao governo e ao cenário internacional é um alento não apenas para a América Latina, mas para todo o mundo. Isso por sua experiência acumulada, pelo seu carisma, e pela sua enorme visão e capacidade estratégica. Algo que fica muito em destaque depois dos quatro anos em que o Brasil foi aliado das grandes negociações internacionais, conduzido por um pobre coitado incapaz, mentalmente, de formular um pensamento completo ou mesmo frase com início, meio e fim, com sujeito, verbo e predicado, sem dizer palavrões, sem agredir alguém, ou sem extrava-

sar seu escárnio permanente pela condição humana, e em particular pela condição sub-humana dos “condenados da terra”, do seu país e do mundo.

A presença de Lula dentro do sistema internacional vai muito além de tudo isto, mas não há dúvida que sua figura cresce frente ao mundo por haver conseguido derrotar uma coalisão de forças de extrema-direita, encastelada dentro do Estado e das Forças Armadas, e usando todos os instrumentos do poder e do dinheiro conseguidos com o controle do governo. Mas, além disso, a vitória de Lula culminou de certa forma um conjunto de vitórias das forças de progressistas e de esquerda nos principais países do continente, permitindo pensar na possibilidade da formação de um bloco regional de poder que ampliará em muito o volume da voz e da presença brasileira dentro do cenário internacional. A partir daí, o mais provável é que o Brasil, com o governo de Lula, possa retomar sua posição, mesmo entre as grandes potências do sistema, como uma nova grande potência pacificadora, sem nenhum passado bélico ou belicista.

### **Qual a contribuição para multipolaridade? Forçar a mão para ampliar o Conselho de Segurança das ONU?**

– O alinhamento natural do Brasil ao lado do bloco latino-americano, mas ao mesmo tempo dentro do BRICS, e junto à comunidade das nações africanas, aponta para o reforço da multipolaridade. Sem que seja necessário nenhum ataque direto aos Estados Unidos, como potência dominante dentro do hemisfério ocidental, e tendo grande afinidade com a maior parte dos países do G-7 e da União Europeia, o Brasil poderá ter um grande peso e dar uma contribuição decisiva para a definição e construção das normas e

das instituições que deverão reger a nova ordem internacional que haverá de nascer dos conflitos que se multiplicam. O mundo vai se posicionando e sendo ordenado transitoriamente pelos conflitos centrais entre Estados Unidos e China, e entre a UE e a Rússia. Não é improvável que a evolução dos acontecimentos permita um consenso em torno da reformulação do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Mas com certeza isso não deve ser um pon-

## **A VITÓRIA DE LULA CULMINOU DE CERTA FORMA UM CONJUNTO DE VITÓRIAS DAS FORÇAS DE PROGRESSISTAS E DE ESQUERDA DO CONTINENTE**

to central da agenda externa do Brasil, porque neste momento as próprias Nações Unidas e todas as suas instâncias estão paralisadas e perderam capacidade decisória. Mais do que isto, perderam relevância e protagonismo eficaz neste momento de desconfiguração da geopolítica internacional.

**A disputa entre China e EUA pode acabar se tornando uma oportunidade de desenvolvimento para o Brasil, uma vez que estadunidenses e europeus não querem mais**

### **dependem totalmente da indústria chinesa?**

– Todas as grandes crises internacionais, envolvendo as grandes potências do sistema mundial, são oportunidades raras para os demais países com projetos nacionais e internacionais expansivos. Nestes momentos os países que alguns chamam de “semi-periféricos” logram abrir espaços e avançar seus projetos de mudança e escalada dentro das hierarquias mundiais de poder e riqueza. Mas também podem ser momento em que outros tantos países naufragam e retroagem inapelavelmente, perdendo o “bonde da história” e caindo em estados de letargia econômica e destruição social profundas e prolongadas. O que nós estamos vivendo neste momento é uma grande transformação mundial que tem muito a ver, mas que não se restringe à disputa e à competição entre os Estados Unidos e a China. A Guerra da Ucrânia é, em última instância, uma disputa pela hegemonia militar dentro da Europa, e já logrou acelerar o processo de desmonte da União Europeia tão bem costurado pelas forças conservadoras europeias depois do fim da Segunda Guerra Mundial.

São cada vez mais transparentes as disputas e conflitos entre Polônia e Alemanha, entre Itália e França, e para que dizer, entre a própria União Europeia e a Inglaterra. O declínio e a agressividade inglesa são cada vez maiores, e o projeto econômico da unificação está sendo minado pelas sanções econômicas americanas e europeias contra a Rússia. Esta será uma destruição profunda e prolongada e vai afetar todo o chamado mundo ocidental e, portanto, também ao Brasil.

Por outro lado, o mundo árabe, e todo o Oriente Médio estão se descolando do G7 e aproximando-se cada vez mais do sistema

de alianças políticas e econômicas eurásianas. É visível o avanço da extrema-direita dentro da Europa, na Hungria e Polônia, mas já agora também na Suécia, na Itália, e na própria França, no espaço aberto pelas antigas forças conservadoras e pela própria desidratação quase completa da socialdemocracia europeia. E por cima de tudo isto o que se assiste é a ascensão cada vez mais nítida da importância eurásiana e da liderança regional da China, que projeta seu poder econômico pelo mundo inteiro, já sendo a primeira e segunda maior parceira econômica de todos os países latino-americanos. Portanto, não há dúvida que vivemos um momento de grande oportunidade para o Brasil, mas ao mesmo tempo deve-se ter presente que esta crise e transformação mundial deverá ter como consequência imediata uma desaceleração da economia mundial. Em 2023, a Europa deve entrar em recessão ou estagnar. E o mesmo deve ocorrer nos EUA e a própria China deve reduzir sua demanda global por matérias-primas. Portanto, não há milagres econômicos à vista, e a pressão distributiva deverá se intensificar em cima de orçamentos apertados e restringidos pelas baixas taxas de crescimento das próprias economias latinas.

**A América Latina tem no momento muitos países que estão ou serão governados por grupos de esquerda, centro-esquerda e centro. Trata-se de uma oportunidade para o desenvolvimento da região e também para criar mecanismos mais fortes de cooperação?**

– Com certeza trata-se de uma oportunidade excepcional, mas não única. Sem que exista uma explicação convincente, a história da América Latina se caracteriza por grandes movimentos conjuntos e sincrônicos. Foi assim no século 19, e acentuou-se no sécu-

lo 20, depois das redemocratizações do pós-Segunda Guerra, e no momento das ditaduras militares dos anos 60 e 70. E o mesmo voltou a acontecer com as novas redemocratizações dos anos 80, com a onda neoliberal dos anos 90, com a “virada” à esquerda do início do século 21, à direita, na segunda década do século, e agora de novo à esquerda.

E, ao mesmo tempo, desde o fim da “era desenvolvimentista” o continente parece mover-se numa gangorra que ora aponta

## TODAS AS GRANDES CRISES INTERNACIONAIS, ENVOLVENDO AS POTÊNCIAS DO MUNDO, SÃO OPORTUNIDADES RARAS PARA OS OUTROS PAÍSES

na direção neoliberal, ora na direção contrária, sem que seus principais governos consigam sustentar uma estratégia com sucesso e durante um período prolongado de tempo. Com a diferença que a estratégia econômica neoliberal vem se associando cada vez mais a um modelo “pinochetista” mesclado com forças políticas de extrema-direita e declaradamente fascistas ou nazistas. Por isso, mais do que nunca, urge que esta nova onda de governos progressistas logre definir e levar à frente uma estratégia bem sucedida de

crescimento econômico.

Mas, sobretudo, mesmo sem um crescimento acelerado, que consiga implementar com sucesso uma estratégia de guerra econômica contra a desigualdade social, a indignação, a fome e a falta de moradia, saúde e educação que afetam até um terço da população latino-americana. Nesta nova tentativa, a esquerda e as forças progressistas em geral terão que conviver e enfrentar uma sociedade rachada de cima abaixo e extremamente polarizada em termos ideológicos, políticos e até mesmo religiosos. Com economias que se desindustrializaram quase todas regredindo para um padrão primário-exportador fortemente dependente das flutuações dos mercados internacionais, e com uma burguesia empresarial que expande seus lucros mesmo sem crescimento do PIB e que, por isso mesmo, é cada vez menos sensível a qualquer tipo de projeto nacional e popular de desenvolvimento.

Além disto, há que ter claro, que vivemos num momento em que as forças de esquerda apresentam-se extremamente divididas e com projetos político-econômicos muito diferentes entre si, e sem uma mesma bússola utópica comum, capaz de harmonizar as divergências imediatas em nome de um mesmo sonho de futuro.

É de se prever um retorno do projeto de integração latino-americana que foi sempre apoiado pelos progressistas e descartado pelos conservadores de direita e de extrema-direita. O Brasil deverá aumentar sua participação e liderar uma reativação dos vários fóruns regionais como Celac, Unasul e Mercosul.

Mas como já ficou comprovado no passado, até pela facilidade com que a direita os desativou, que estes fóruns são um instrumento importante de construção de consensos e de uma vontade

coletiva comum. Mas eles padecem da falta de instrumentos eficazes para implementar políticas concretas, e inclusive para impedir a sua desmontagem nos momentos de mudança de governo. Haverá que repensar e redefinir o que realmente se pretende alcançar em cada um destes fóruns, fortalecendo um núcleo que assumira sua vanguarda e sua projeção internacional, onde deverão estar sem dúvida alguma, Brasil, Argentina e México.

**Qual é a opinião do senhor sobre a pressão que o mercado financeiro vem tentando fazer sobre o presidente eleito, antes mesmo do início do seu governo, utilizando-se dos economistas e dos seus argumentos para justificar a necessidade do equilíbrio fiscal? O senhor acha do recente debate entre estes e os desenvolvimentistas?**

– Esta é uma discussão muito antiga e recorrente. Eu quase diria que os argumentos esgrimidos são quase sempre os mesmos há muitos séculos sem que jamais se possa chegar a um acordo, uma vez que não se trata de um debate acadêmico ou teórico. Trata-se de uma decisão prática que deve ser tomada em função das condições conjunturais. As mesmas políticas econômicas podem ter resultados completamente diferentes, em distintos momentos históricos, e dependendo da posição hierárquica que seu país ocupe dentro do sistema de poder internacional.

E muitas vezes não há como conciliar, nem é possível montar um jogo de soma positiva, sendo necessário fazer escolhas onde haverá ganhadores e perdedores. No Brasil, este debate começou há muito tempo, já na segunda metade do século 19, com a discussão entre os “metalistas” e os “papelistas” e suas diferentes visões a respeito da “neutralidade da moeda”. Uma discussão que antecipa o de-

bate brasileiro do século 20, entre monetaristas, liberais e ortodoxos, e desenvolvimentistas, protecionistas ou keynesianos, que começa logo depois da Segunda Guerra, entre Eugenio Gudín e Roberto Simonsen.

E a ladainha é quase exatamente a mesma, desde então, de um lado e do outro. Vargas, inclusive, inaugurou uma solução prática para estimular a convivência entre estes dois grupos que depois foi repetida por vários outros gover-

**PAULO GUEDES  
FUROU O TETO  
DE GASTOS,  
UMA INVENÇÃO  
BRASILEIRA, EM  
CERCA DE  
R\$ 400 BILHÕES.  
E NINGUÉM  
PROTESTOU**

nos, colocando um monetarista ou fiscalista ortodoxo no Ministério da Fazenda, e um desenvolvimentista ou keynesiano na Presidência do Banco do Brasil e, depois, no Ministério de Planejamento.

Pode-se mesmo dizer que esta divergência é mais do que secular, é milenar. Mas, apesar disso, parece que ninguém consegue aprender que este não é um debate acadêmico e não existem verdades absolutas em matéria de política econômica, porque qualquer decisão que seja tomada envolverá sempre uma arbi-

tragem que é fundamentalmente política, e que tem que ser feita pelos governos em função de seus objetivos estratégicos e em função dos interesses que se proponham a defender ou priorizar.

Para isso, existem as eleições, para fazer escolhas muitas vezes dolorosas e dramáticas. Basta dizer que o senhor Paulo Guedes “furou o tal do teto de gastos” – que é uma invenção absolutamente original e brasileira – em cerca de R\$ 400 bilhões. E ninguém protestou. Nem na Faria Lima, nem entre os economistas de plantão defensores do “bom senso fiscal”. Agora, o simples anúncio de uma política social aprovada pelo povo brasileiro já fez começar a gritaria dos “bons moços de Davos”. A respeito deste assunto sempre conto para meus alunos uma história muito antiga e paradigmática: a disputa política entre o Imperador chinês Yung-Lo, que reinou entre 1403 e 1424, e o seu ministro da fazenda, Hsia Yüan-Chi.

Yung-Lo foi um dos imperadores chineses com maior visão estratégica e expansionista de toda a história da China. Foi ele que concluiu as obras do Grande Canal comunicando o Mar da China e a antiga capital Nanquim, com a região mais pobre do norte do império, e foi ele que decidiu construir uma nova capital que veio a ser Pequim. Um gigantesco projeto desenvolvimentista que mobilizou e empregou durante muitos anos, milhares de trabalhadores, artesãos, soldados e arquitetos. Além disto, Yung-Lo se propôs estender a hegemonia chinesa – política, econômica e cultural – em todas as direções, e através das fronteiras territoriais da China, e também, na direção dos Mares do Sul, do Oceano Índico, do Golfo Pérsico e da Costa Africana. Foi durante o seu reinado que o Almirante Cheng Ho liderou seis grandes expedições navais que

chegaram até a costa da África, no momento em que os portugueses estavam recém chegando a Ceuta. Durante todo seu reinado, as políticas desenvolvimentistas e expansionistas do Imperador Yung-Lo enfrentaram a oposição declarada de uma parte do mandarinato e das elites chinesas lideradas pelo seu próprio ministro da Fazenda, Hsia Yüan-Chi, um crítico ferrenho do excesso de gastos do império, e o defensor implacável do “equilíbrio fiscal”.

Por isto, o imperador Yung-Lo mandou prender seu ministro da Fazenda em 1421, mas pouco depois o imperador morreu, e o novo imperador, Chu Kao-Chih, recolocou no ministério das finanças o antigo ministro que interrompeu todas as obras e todas as expedições expansivas de Yung-Lo em nome do “corte de gastos” e da “responsabilidade fiscal”. E foi assim que o Império Ming perdeu seu fôlego expansivo e fechou-se sobre si mesmo, caindo no isolamento quase total, durante quase quatro séculos. Como disse um historiador inglês, “para levar à frente naquele momento a estratégia expansionista de Yung-Lo, teria sido necessária uma sucessão de líderes com a sua mesma visão vigorosa e estratégica, a visão de um construtor de impérios que não teve seguidores.” (The Cambridge History of China, 1988, vol 7, pp:275). Mas não foi isto que aconteceu, e por isto não é inteiramente absurdo pensar que a China acabou atrasando em 500 anos o seu projeto atual de projeção da sua influência e do seu poder, graças à obsessão cega pelo “equilíbrio fiscal” do seu ministro da Fazenda, Hsia Yüan-Chi, um autêntico economista “ortodoxo” *avant la lettre*.

**O mundo viu ascender um movimento de extrema-direita, que apela para questões imediatistas mas se utiliza de**

**informações falsas ou distorcidas da realidade. Quais devem ser os passos a serem seguidos para esvaziá-lo?**

– Trata-se de um tsunami que vem crescendo há duas ou três décadas e agora está alcançando um nível de mobilização e agressividade sem precedentes. É um movimento que vem explodindo em vários lugares e países, de distintas maneiras, mas com um grande denominador comum, profundamente reacionário, contra todas as forças consideradas represen-

## **A ESQUERDA TERÁ QUE RELER E REPENSAR PAULO FREIRE PARA INVENTAR NOVOS CAMINHOS DE MOBILIZAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO**

tantes do “sistema” ou do “status quo” nacional e internacional. Este impulso esteve presente nos EUA de Donald Trump, mas começou muito antes em Israel, passou pelo BREXIT, e está presente também na Rússia de Vladimir Putin, como na Polônia, Hungria, Suécia e Itália. Aqui, encontra-se mais uma razão da importância do que está passando na América Latina, o único lugar do mundo onde o descontentamento e a fadiga social têm sido ainda capitalizadas eleitoralmente por forças políticas de esquerda, centro-esquerda e pro-

gressistas em geral.

Talvez por isto mesmo, movimentos de extrema-direita do mundo todo tenham escolhido o México para realizar a sua mais recente assembleia, ainda em novembro. A Conferência Política de Ação Conservadora acaba de reunir-se no México tutelados por Steve Bannon e reunindo líderes como José Kast, do Chile, Javier Milei, da Argentina, Santiago Abascal, da Espanha, Eduardo Bolsonaro, do Brasil, e Eduardo Verástegui, do próprio México. Eles estiveram com ativistas católicos, antiabortistas, anti-feministas, e contrários aos direitos da população LGBT, além anti-comunistas. Os principais oradores foram Steve Bannon e Lech Walesa. Isso permite avaliar a extensão desta onda que deverá ser enfrentada na América Latina. Deverá ser uma batalha longa e inusitada, porque a própria esquerda latino-americana nunca combateu um inimigo desta natureza. Uma batalha política e ideológica, uma guerra cultural entre a “modernidade iluminista”, ou alguns de seus herdeiros críticos, e esta “pós-modernidade medieval” obscurantista, religiosa, fanática e admiradora da violência.

Quase diria que a esquerda terá que reler e repensar a mensagem crítica de Paulo Freire para inventar novos caminhos de mobilização, educação e conscientização coletiva e mesmo massiva. Por antigo que possa parecer, uma espécie de reinvenção dos antigos centros de cultura, conscientização e mobilização popular dos anos 60, incluindo agora as redes de comunicação instantâneas postas à disposição da pedagogia da liberdade. Talvez não seja sem razão o ódio que têm de Paulo Freire, sem nunca tê-lo lido, figuras tão brutas, toscas e ignorantes, quase analfabetos como a família Bolsonaro, ou este General Heleno que esbraveja pelos cantos à espera do esquecimento. •



ORDEM E PROGRESSO

# 60 MILHÕES DE VOTOS

A eleição mais importante dos últimos 40 anos marca o triunfo da força do povo sobre o arbítrio. De um lado, liderando a Frente Ampla em Defesa da Democracia, o ex-líder operário. Do outro, o ex-capitão do Exército que esteve à frente do pior governo da História da República



**VENCEU A DEMOCRACIA** Na noite de domingo, 31, no dia da eleição, Lula e Alckmin saudaram os manifestantes que lotaram a Avenida Paulista, em São Paulo, para comemorar a vitória de um projeto de reconstrução nacional

**N**a mais acirrada disputa política desde o fim da ditadura militar (1964-1985), o Brasil sobreviveu ao cataclisma provocado pela passagem da extrema-direita pelo poder. No último domingo de outubro, 30, o ex-operário e líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi eleito presidente do com 60.309.292 votos, o equivalente a 50,83% dos votos válidos.

A vitória de Lula é a vitória da democracia e do povo brasileiro sobre o projeto autoritário liderado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), que teve 49,17%. O ex-capitão do Exército, que esteve à frente do pior governo da história da República, obteve 58.158.332 votos, deixando como legado o maior ciclo de destruição de empregos, mais de 689 mil mortos na Covid, a volta da fome e do desemprego

e o crescimento da desigualdade.

A volta ao poder de Lula varreu as manchetes de jornais em todo o mundo. De acordo com o New York Times, a vitória do petista completou um renascimento político impressionante para Lula, que saiu da Presidência chegou a ser condenado à prisão e agora regressa ao Palácio do Planalto. "Antes parecia impensável", escreveu o chefe do escritório do jornal no Brasil, Jack Nicas.

A derrota de Bolsonaro foi comemorada, até pela imprensa. "Também encerra o período turbulento de Bolsonaro como o líder mais poderoso da região. Foi a primeira vez que um presidente em exercício não conseguiu ser reeleito em 34 anos de democracia moderna no Brasil", sublinhou o correspondente.

A herança deixada pelo líder da extrema direita brasileira é a pior

possível. O presidente que desferiu de maneira inédita ataques à democracia, colocou em dúvida o sistema de votação brasileiro e passou a maior parte da sua administração governando contra o interesse da maioria do povo, foi derrotado, mas deixa o país em ruínas e diversas bombas montadas contra o novo governo.

Na economia, a situação é de terra arrasada. Sob Paulo Guedes, o Palácio do Planalto deixou a inflação escalar de 2020 até o início de 2022, chegando em abril a mais de 12% na taxa acumulada em 12 meses. É maior inflação para o período de um ano desde outubro de 2003. A taxa de desemprego é de 15%, atingindo diretamente 14,8 milhões de brasileiros.

A pobreza também aumentou. A parcela de brasileiros que não tem dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momen-

to nos últimos 12 meses subiu de 30% em 2019 para 36% em 2021, atingindo recorde da série iniciada em 2006, segundo levantamento do FGV Social. O problema afeta especialmente as mulheres: o patamar de insegurança alimentar ficou relativamente estável entre os homens, mas subiu de 33% para 47% para elas.

É a tragédia social que explica a vitória sobre o ex-capitão. Ainda assim, ele teve força eleitoral e conseguiu superar as expectativas e as pesquisas de opinião. O uso da máquina pública, o abuso do poder econômico e a máquina de mentiras montada pelo bolsonarismo quase colocaram o país em risco.

Ainda no domingo e pelas semanas seguintes, um séquito de bolsonaristas permaneceu em estado de ebulição para tentar um terceiro turno. Caminhoneiros no coração da região agrícola central do Brasil iniciaram incêndios e tentaram bloquear rodovias. Em algumas cidades, os apoiadores do presidente foram para a porta dos quartéis pedir um golpe de Estado. Os ânimos ainda permaneceram agitados, passados mais de 20 dias da derrota.

No começo da apuração, Bolsonaro chegou a estar à frente da disputa. O Tribunal Superior Eleitoral só confirmou a vitória de Lula com 98,86% das urnas apuradas, quando tecnicamente já não havia como o atual presidente virar a disputa. A apuração foi apertada na maior parte do tempo. Lula passou à frente de Bolsonaro quando quase 70% das urnas estavam apuradas e ampliou pouco a pouco a vantagem.

Também pela primeira vez desde a redemocratização, a abstenção caiu entre os dois turnos de votação. Pouco mais de 20,5% dos eleitores não votaram, 0,39 ponto percentual abaixo do registrado no primeiro turno, quando a abstenção foi de 20,95%. •

Ricardo Stuckert



**CELEBRAÇÃO** Lula, Janja, Alckmin e Lu, junto com Gleisi Hoffmann...

## LULA: “SOMOS UM ÚNICO PAÍS, UM ÚNICO POVO, UMA GRANDE NAÇÃO”

Ainda na noite do segundo turno, o presidente eleito fez um discurso emocionante em São Paulo, agradecendo o apoio do povo, acenando com aliança democrática e defendendo a unidade nacional

A partir de 1º de janeiro de 2023, vou governar para 215 milhões de brasileiros e não apenas para aqueles que votaram em mim. Não existem dois Brasis. Somos um único país, um único povo, uma grande nação”, disse o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em seu pronun-

ciamento em um hotel em São Paulo logo após o Tribunal Superior Eleitoral confirmar sua vitória, ainda na noite de domingo, 30 de outubro.

Lula afirmou que pretende unir o país após ser eleito para um terceiro mandato com uma vitória apertada, com 50,90% dos votos válidos (com 99,98%



...as senadoras Simone Tebet e Elizane Gama, Randolfe Rodrigues e Dilma Rousseff comemoram a vitória

das urnas apuradas). “Chegamos ao final de uma das mais importantes eleições da nossa história. Uma eleição que colocou frente a frente dois projetos opostos de país e que hoje tem um único e grande vencedor: o povo brasileiro”, disse.

Ele iniciou o discurso agradecendo a todos os apoiadores e especialmente a duas mulheres que o apoiaram no segundo turno: a senadora Simone Tebet (MDB-MT), que foi candidata à Presidência no primeiro turno, e a senadora pelo Maranhão Elizane Gama (Cidadania). Em seguida, agradeceu o candidato do PT ao governo de São Paulo, Fernando Haddad, e a deputada federal eleita Marina Silva (Rede-SP).

“Esta não é uma vitória minha, nem do PT, nem dos partidos que me apoiaram nessa campanha”, disse. “É a vitória de um imenso movimento democrático que se formou, acima dos partidos políti-

cos, dos interesses pessoais e das ideologias, para que a democracia saísse vencedora”.

O líder da esquerda brasileira disse que o povo brasileiro queria ter de volta a esperança. “É assim que eu entendo a democracia. Não apenas como uma palavra bonita inscrita na lei, mas como algo palpável, que sentimos na pele, e que podemos construir no dia-dia. Foi essa democracia, no sentido mais amplo do termo, que o povo brasileiro escolheu hoje nas urnas. Foi com essa democracia – real, concreta – que nós assumimos o compromisso ao longo de toda a nossa campanha.

Ele defendeu unidade e a retomada da paz social. “Não interessa a ninguém viver numa família onde reina a discórdia. É hora de reunir de novo as famílias, refazer os laços de amizade rompidos pela propagação criminosa do ódio”, afirmou.

E continuou: “Este país precisa

de paz e de união. Esse povo não quer mais brigar. Esse povo está cansado de enxergar no outro um inimigo a ser temido ou destruído. É hora de baixar as armas, que jamais deveriam ter sido empunhadas. Armas matam. E nós escolhemos a vida”. Segundo o presidente eleito, é preciso reconstruir a própria alma deste país. “Recuperar a generosidade, a solidariedade, o respeito às diferenças e o amor ao próximo”, disse.

Mais tarde, ainda na noite de domingo, discursando a apoiadores na Avenida Paulista, em São Paulo (SP), Lula declarou que a eleição de 2022 e a vitória dele Presidência foi “a mais consagrada” de todas as que teve na vida. “Nós derrotamos o autoritarismo e o fascismo neste país. A democracia está de volta no Brasil, a liberdade está de volta no Brasil”, disse. “Estou muito emocionado porque foi a guerra mais difícil que enfrentei”. •



RETOMADA DEMOCRÁTICA A imagem de Lula beijando a bandeira brasileira correu o mundo no dia 30 de outubro

# O MUNDO SAÚDA A VITÓRIA DA DEMOCRACIA NO BRASIL

A repercussão da vitória de Lula na imprensa estrangeira foi imediata e saudada por jornais influentes em todo o planeta. Líderes globais se prontificaram a reconhecer o resultado das urnas e a vitória do ex-presidente sobre Bolsonaro

A histórica vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições deste 30 de outubro repercutiu em todo o mundo. Na Europa, a eleição de Lula superou inclusive o noticiário sobre a guerra na Ucrânia, tamanho foi o impacto do resultado. O *New York Times* descreveu o episódio em que o Brasil “expulsou” Bolsonaro e ressaltou o “renascimento político impressionante para Lula”.

Chefes de Estado e de governo saudaram a vitória de Lula. O efeito simbólico da vitória de Lula é que ele começou a reaproximar o país do resto do mundo. Já na segunda-feira, 31, recebeu a visita do presidente da Argentina, Alberto Fernández, e conversou por telefone com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e os chefes de governo da Alemanha, França e Portugal.

Diversos líderes mundiais saudaram-no pela vitória, e diferentes governos, como Noruega e China, manifestaram o desejo de retomar ou fortalecer parcerias com o Brasil – leia quadro com a repercussão da eleição de Lula por líderes

de outras nações.

A vitória espetacular de Lula, uma reviravolta política para quem passou 580 dias na prisão, recolocaram o Brasil no centro das atenções internacionais. A projeção de poder que Lula representa também foi destaque em diversos veículos de imprensa em todos os continentes.

O americano *Washington Post* lembra que Lula é um “ícone da esquerda da América Latina” e observa que o petista retorna à Presidência “com a promessa de defender a democracia, restaurar o social e salvar a floresta amazônica”. O francês *Le Figaro* destaca a “vida extraordinária do incansável campeão da esquerda brasileira”. E o *Le Monde*: “Lula no Brasil, da prisão à Presidência, um retorno espetacular”. Em editorial, o diário afirma que o desempenho de Lula é um “alívio” global.

A incômoda liderança de Jair Bolsonaro foi rechaçada por diversos jornais influentes na Europa. “A democracia falou no Brasil”, destacou o *Monde*. “No domingo, 30 de outubro, ela demitiu o atual presidente Jair Bolsonaro após um mandato de alvoroço

# LÍDERES GLOBAIS CELEBRAM A ELEIÇÃO DE LULA

"Envio meus parabéns a Luiz Inácio Lula da Silva pela vitória em uma eleição livre, justa e digna de confiança. Espero que possamos trabalhar juntos e manter a cooperação entre nossos dois países nos próximos meses e nos anos que virão"

JOE BIDEN, PRESIDENTE DOS EUA

"Parabéns, caro Lula, por sua eleição que dá início a um novo capítulo da história do Brasil. Juntos, vamos unir nossas forças para enfrentar os muitos desafios comuns e renovar o vínculo de amizade entre nossos países"

EMMANUEL MACRON, PRESIDENTE DA FRANÇA

"Parabéns, Lula, por sua vitória nestas eleições em que o Brasil decidiu apostar no progresso e na esperança. Vamos trabalhar juntos por justiça social, igualdade e contra as mudanças climáticas. Seu sucesso vai ser o do povo brasileiro"

PEDRO SÁNCHEZ, PRIMEIRO-MINISTRO DA ESPANHA

"Já tive a oportunidade de felicitar calorosamente Lula. Encaro com grande entusiasmo o nosso trabalho conjunto nos próximos anos, em prol de Portugal e do #Brasil, mas também em torno das grandes causas globais"

ANTÔNIO COSTA, PRIMEIRO-MINISTRO DE PORTUGAL



REPERCUSSÃO Vitória de Lula foi manchete do britânico *Financial Times*



## Brasil se parte en dos con el pulso entre Lula y Bolsonaro

El candidato de la izquierda aventaja ligeramente al actual presidente, con el 90% de votos escrutados, en un ajustadísimo escrutinio

UNA GALERÍA DE FOTOS muestra a Lula da Silva, candidato de la izquierda, y Jair Bolsonaro, presidente actual, en un momento de la votación. El escrutinio de los votos se está realizando en un momento de tensión política en el país.



### Galería steht vor weiteren Entlassungen

Die Regierung hat angekündigt, dass sie weitere Entlassungen von Gefangenen in Betracht zieht. Dies ist eine Reaktion auf die Proteste der Bevölkerung.

## Frankfurter Allgemeine

ZEITUNG FÜR DEUTSCHLAND

Donnerstag, 17. November 2022, 10:00 Uhr

HERAUSGEBERIN VON ORNOLD BRANDBERGER, JÜRGEN SAUER, CATHEN ENCK, BERTHOLD KIEHLKE

ISSN 0 201 8 4 F. A. Z. Nr. 461/2022/11/17



Die Lula-Anhänger der Arbeiterpartei feiern in Rio de Janeiro den Sieg der langjährigen Regierung.

### Lula erklärt seinen Wahlsieg zum Sieg der Demokratie

Bolsonaro verliert brasilianische Stichwahl knapp / Scholz hofft auf Kooperation

### Arbeitszeugnis für Brasilien

Von Ulfen Bräutigam

In der Wahl zum Präsidenten hat sich Lula da Silva als Sieger durchgesetzt. Dies ist ein Zeichen für die Demokratie in Brasilien.

### Die Kinder des NSU

Von Philip Goggin

Die Kinder der NSU sind ein Thema, das in Deutschland viel Aufmerksamkeit erregt.

## DE OLHO Jornais europeus deram grande destaque ao resultado da eleição

e fúria exemplificado pelo tratamento abismal da pandemia de Covid-19, o saque da Amazônia, ataques à democracia e um fluxo constante de declarações racistas, sexistas e homofóbicas”.

“O retorno notável do político de esquerda por um terceiro mandato como presidente do Brasil não é bom apenas para seu país”, opinou o britânico *The Guardian*. “Sua vitória sobre o atual extremista de direita, Jair Bolsonaro, também é boa para o mundo.”

O jornal lembra que desde que Bolsonaro assumiu o cargo, “os incêndios florestais e o desmatamento aumentaram na Amazônia, com o governo federal fechando os olhos para a extração ilegal de madeira, mineração, pecuária e grilagem”.

O espanhol *El País* frisou que “a esquerda latino-americana recebe Lula de braços abertos”, citando inclusive os chefes de Estado que parabenizaram imediatamente o eleito. O diário também notou o silêncio de Bolsonaro, em contras-

te com a festa popular que tomou a Avenida Paulista em São Paulo.

Na terça-feira, 1º de novembro, a edição europeia do *Financial Times* estampou na manchete de capa: Lula pressiona pela unidade brasileira após vitória enquanto Bolsonaro permanece em silêncio. O jornal também chamou a vitória do petista de “retorno dramático” e que a “era do populismo” está sendo encerrada.

A BBC declarou que o Brasil promoveu uma “guinada para a esquerda”, enquanto o alemão *Süddeutsche Zeitung* classificou como “dramático” o retorno do “político de esquerda”. O *Libération* disse que a eleição de Lula era “o retorno da fênix vermelha que bateu a extrema-direita brasileira”.

A vitória de Lula ainda ganhou as manchetes de jornais como *Diário de Notícias*, *Público*, *El País*, *La Vanguardia*, *Clarín*, *Página 12*, *La Nación*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e mereceu reportagens de publicações, como *Der Spiegel*, *Time*, e *The Economist*. •

“Parabéns, Lula! Tua vitória abre um novo tempo para a história da América Latina. Um tempo de esperança e futuro que começa hoje. Aqui você tem um parceiro para trabalhar e sonhar alto com a vida de nossos povos”

ALBERTO FERNÁNDEZ,  
PRESIDENTE DA ARGENTINA

“Lula venceu, povo abençoado do Brasil. Haverá igualdade e humanismo”

ANDRÉS MANUEL LOPES OBRADOR,  
PRESIDENTE DO MÉXICO

“Lula! Que alegria”

GABRIEL BORIC,  
PRESIDENTE DO CHILE

“O Peru parabeniza o companheiro Lula. Sua vitória é essencial para fortalecer a unidade da América Latina e a justiça social da Pátria Grande”

PEDRO CASTILLO,  
PRESIDENTE DO PERU

“Parabéns, Lula, por sua eleição! Estou ansioso para trabalharmos juntos e avançar as relações UE-Brasil com seu governo e com as novas autoridades do Congresso e do Estado”

JOSEPH BORREL, CHEFE DA  
DIPLOMACIA DA UNIÃO EUROPEIA

“O povo do Brasil falou. Estou ansioso para trabalhar com Lula para fortalecer a parceria entre nossos países, entregar resultados para canadenses e brasileiros e avançar em prioridades compartilhadas – como proteger o meio ambiente. Parabéns, Lula!”

JUSTIN TRUDEAU,  
PRIMEIRO-MINISTRO DO CANADÁ



# OS CRIMES DE BOLSONARO

Derrotado nas urnas pelo povo, líder da extrema-direita ainda precisará responder por dezenas de crimes: de peculato à prevaricação, passando por negligência, charlatanismo, epidemia qualificada, usurpação de função pública, corrupção e uso da máquina pública

O presidente Jair Bolsonaro precisará responder por seus crimes perante a Justiça e terá de pagar pelos ilícitos cometidos durante o seu governo. Esta é a avaliação de integrantes do PT no Senado, que voltaram a lembrar que o rol de ilícitos do ex-capitão do Exército não parou de crescer ao longo dos últimos quatro anos.

“Bolsonaro precisa ser julgado e punido por crimes que cometeu”, ressalta o líder da bancada do PT, senador Paulo Rocha (PA). Os ilícitos ocorreram durante a gestão do atual ocupante do Planalto e o extremista não vai escapar de responder pelos seus atos. A avaliação é compartilhada por outros parlamentares. “Tá mais do que na hora de Jair pagando pelos crimes”, desabafou o senador Humberto Costa (PT-PE).

Os dois senadores lembram que a legislação não oferece blin-

dagem a ex-mandatários. Bolsonaro estará ao alcance de procuradores e juízes de primeira instância. E advertem que, embora o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva tenha anunciado que não fará um governo de revanchismo, a revogação dos 100 anos de sigilo impostos pelo Planalto durante o governo Bolsonaro podem levá-lo a enfrentar as barras da Justiça antes do que imagina.

“Isso para não falar dos crimes eleitorais cometidos durante a campanha eleitoral, que foram alvo de denúncias oferecidas pelos advogados da campanha do movimento Juntos pelo Brasil”, diz o parlamentar pernambucano. A Justiça Eleitoral ainda vai apurar as denúncias e novos inquéritos devem ser abertos.

Bolsonaro já responde a cinco inquéritos policiais no Supremo Tribunal Federal: de interferência na Polícia Federal a vazamento de

dados de investigação sigilosa, fake news sobre o sistema eleitoral e ainda pesam contra ele a suspeita de crimes durante a pandemia de Covid-19.

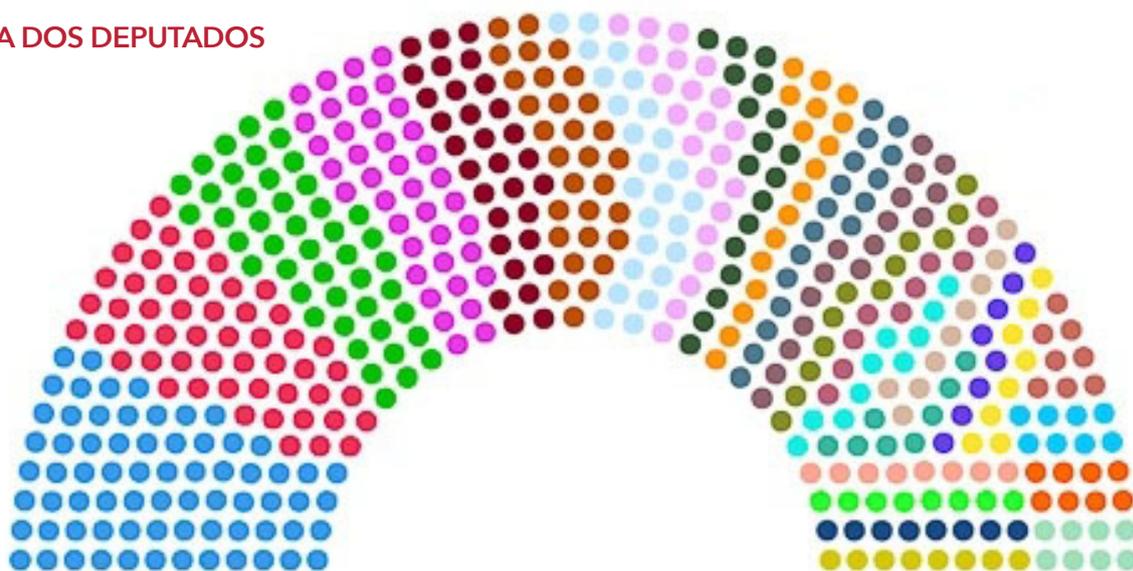
“Bolsonaro conseguiu evitar a abertura de dezenas de processos de impeachment para apurar os crimes de responsabilidade a partir de 2020, mas não vai se livrar das suspeitas”, aponta Rocha. Ele lembra que o relatório da CPI da Covid não adiantou para dar início a um processo político de afastamento do chefe de Estado pelo Congresso. Mas isso não afasta os indícios do relatório de mais de 1,2 mil páginas.

O presidente da República é acusado pela CPI de nada menos do que 12 crimes, ao lado de outros 65 agentes públicos e privados – incluindo os filhos Flávio, Carlos e Eduardo – que atuaram em uma cadeia de ações que causaram a morte de milhares de brasileiros em decorrência da onda da Covid-19.

O líder da extrema-direita brasileira pode vir a pegar mais de 100 anos de prisão, caso seja condenado. Apenas pela CPI, o presidente é acusado dos crimes de epidemia com resultado morte, infração de medida sanitária preventiva, charlatanismo, incitação ao crime, falsificação de documento particular, emprego irregular de verbas públicas e prevaricação.

O ex-capitão ainda é acusado por crimes contra a humanidade – nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos –, além de crimes de responsabilidade: violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo.

As denúncias contra Bolsonaro vão ser desdobradas em três frentes: na Justiça de primeira instância, no STF e, ainda, no Tribunal Superior Eleitoral, onde pode vir a perder os direitos políticos pelos crimes eleitorais atribuídos contra si. Não é pouca coisa. •



70	São Paulo ★11	17	Goiás ★2	8	Mato Grosso
53	Minas Gerais ★10	17	Pará ★2	8	Distrito Federal ★1
46	Rio de Janeiro ★5	16	Santa Catarina ★2	8	Mato Grosso do Sul ★2
39	Bahia ★7	12	Paraíba ★1	8	Sergipe
31	Rio Grande do Sul ★6	10	Espírito Santo ★2	8	Rondônia
30	Paraná ★5	10	Piauí ★4	8	Tocantins
25	Pernambuco ★1	9	Alagoas ★1	8	Acre
22	Ceará ★3	8	Amazonas	8	Amapá
18	Maranhão ★1	8	Rio Grande do Norte ★2	8	Roraima

# PT AVANÇA E SE CONSOLIDA COMO INSTRUMENTO DA DEMOCRACIA

Partido amplia bancada na Câmara e Senado Federal e elege os governadores da Bahia, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. A legenda tem a segunda maior representação no Congresso e também ampliou presença nas Assembleias Legislativas

**O** Brasil que saiu das urnas nas eleições de outubro se revela um país dividido, com os conservadores e a ultra-direita ampliando a sua presença no Parlamento, mesmo com a ampla vitória de Luiz Inácio Lula da Silva. A democracia triunfou sobre um projeto autoritário e excludente liderado por Jair Bolsonaro mas, ainda assim, os conservadores

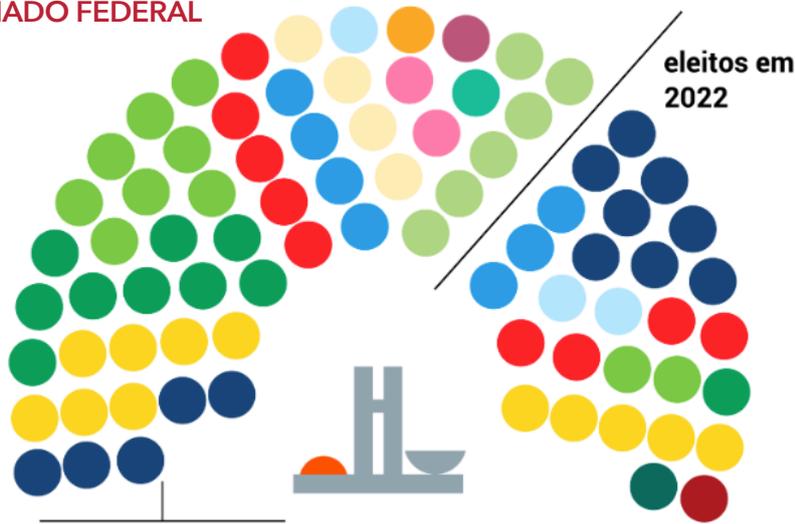
mostraram força eleitoral, elegendo 99 deputados na Câmara. Outras legendas da direita asseguraram mais 174 deputados.

Só que o PT também avançou. Além da Presidência da República, o partido tem a segunda maior bancada no Congresso Nacional, tendo conquistado 73 cadeiras: 69 na Câmara dos Deputados e mais quatro para o Senado Federal. Agora o PT tem 52 deputados e 17 mulheres com

cadeira ocupando a Câmara dos Deputados. Na eleição de 2018, a legenda elegeu 54 eleitos para a Câmara. Em 2014, eram 61 congressistas.

Junto com o PT, os partidos à esquerda conseguiram 138 cadeiras na Câmara dos Deputados. A federação que lançou Lula conseguiu eleger 80 deputados, uma alta de três cadeiras em comparação com a soma que tinham PT, PC do B e PV antes. Outros parti-

## SENADO FEDERAL



**PL**  
partido de Bolsonaro será a maior bancada da Casa Alta em 2023

○ PL	13	○ Progressistas	7	○ Rede	1
○ União Brasil	12	○ Podemos	6	○ Cidadania	1
○ MDB	10	○ PSDB	4	○ Pros	1
○ PSD	10	○ Republicanos	3	○ PSC	1
○ PT	9	○ PDT	2		

dos da coligação de 10 legendas que apoiam o petista, somados com o PDT, obtiveram 59 vagas. Ou seja, a base de apoio direta de Lula é de 138 deputados.

No Senado, o partido de Lula tem agora nove parlamentares. Foram eleitos pela legenda Teresa Leitão, a primeira senadora da história de Pernambuco. Ao lado dela, a partir de fevereiro de 2023, estarão ainda Wellington Dias (Piauí), Camilo Santana (Ceará) e Beto Faro (Pará). Outros cinco senadores do PT continuam a ocupar suas cadeiras.

Além dos quatro petistas, a aliança partidária que apoiou as candidaturas de Lula e do vice, Geraldo Alckmin, elegeu outros quatro senadores: Flávio Dino (PSB), no Maranhão; Otto Alencar (PSD), na Bahia; Omar Aziz (PSD), no Amazonas; e Renan Filho (MDB) em Alagoas. Lula trabalha com uma base agora de 16 senadores de apoio ao governo a partir de fevereiro, mas isso deve ser ampliada com o ingresso do PSD de Gilberto Kassab no governo, além de outras legendas.

O PL terá pelo menos 14 senadores a partir de 2023 – um salto de 12 senadores em relação ao início da legislatura atual. O PSD, partido do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, terá 11 senadores e será a segunda maior bancada. O MDB, atual maior partido do Senado, deve entrar o ano de 2023 como terceira maior bancada, ao lado do União Brasil – ambos terão nove senadores cada.

O PT foi a legenda que mais elegeu governadores no primeiro turno. O povo assegurou os governos do Rio Grande do Norte, com Fátima Bezerra; do Ceará, com a eleição de Elmano de Freitas; e no Piauí, com Rafael Fonteles. No segundo turno, a legenda da estrela ganhou ainda na Bahia, garantindo a eleição de Jerônimo Rodrigues.

O partido ainda mostrou força ampliando o número de parlamentares nas Assembleias Legislativas do país. O PT elegeu 118 deputados, sendo 34 mulheres e 84 homens que ocuparão os cargos legislativos. Em 2018, o PT elegeu 85 deputados estaduais. •

## UM CONGRESSO MAIS CONSERVADOR

O Congresso que emerge das urnas é o mais conservador desde a redemocratização. Cientistas políticos e comentaristas apontam uma guinada à direita na Câmara e, especialmente, no Senado. Isso vai pesar na agenda pelos próximos anos.

Já há quem identifique poucos avanços nas chamadas pautas identitárias e de direitos humanos, tendo em vista a eleição de nomes ligados ao conservadorismo. Houve um avanço da bancada BBB: “boi, bala e Bíblia”, com muitos eleitos provenientes do agronegócio, polícias e ligadas a cultos evangélicos.

O deputado mais votado do Brasil é Nikolas Ferreira (PL), ligado diretamente ao clã bolsonarista. Aos 26 anos, o vereador de Belo Horizonte obteve mais de 1,4 milhão e teve o apoio direto do líder da extrema direita. No Rio de Janeiro, o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello foi o segundo mais votado. Em São Paulo, Carla Zambelli, Eduardo Bolsonaro e Ricardo Salles – nomes fortes do bolsonarismo – foram segunda, terceiro e quarto deputados mais votados do estado, respectivamente.

A outra casa legislativa, o Senado, também terá clara guinada conservadora. A partir de 2023, o PL, partido de Bolsonaro, terá a maior bancada da casa, com 14 das 81 cadeiras. Essa posição ainda pode ser ultrapassada se União Brasil e PP levarem adiante a fusão partidária já anunciada.

O PL elegeu Damares Alves (DF). Magno Malta (ES), Wilder Morais (GO), Wellington Fagundes (MT), Rogério Marinho (RN), Jaime Bagattoli (RO), Jorge Seif (SC) e Marcos Pontes (SP). A fina flor do bolsonarismo. •



**ARTICULAÇÃO** Aloizio Mercadante, Gleisi Hoffmann e Geraldo Alckmin atuam juntos na transição de governo

# COMEÇA A TRANSIÇÃO

Sob a coordenação de Alckmin, 400 pessoas trabalham em grupos para diagnosticar os gargalos da administração e apontar soluções para o novo governo. PEC da Transição começa a tramitar no Congresso e garante recursos para novo Bolsa Família de R\$ 600

O gabinete de transição governamental foi montado nos primeiros dias após o segundo turno das eleições presidenciais e conta com 31 grupos técnicos que estão debatendo, reunindo dados e apresentarão propostas para o novo governo. O coordenador da transição é o vice-presidente eleito Geraldo Alckmin. Mais de 400 especialistas, técnicos e parlamentares integram a transição.

Nas últimas semanas, Alckmin vem anunciando quase diariamente os nomes. Os grupos foram definidos por meio de portaria assinada em 8 de novembro, publicado no *Diário Oficial da União*. Os primeiros nomes foram das áreas de economia e sociais.

Enquanto isso, foi encaminhado ao Congresso o texto da PEC da Transição, que define recursos fora do teto de gastos para o cumprimento da promessa do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva do novo Bolsa Família, no valor de R\$ 600. O governo Bolsonaro não previu recursos no Orçamento de 2023 para a manutenção do benefício. A proposta precisa ser aprovada até dezembro.

“O que é urgente e não pode esperar é fome, é saúde, é educação, é não interromper obras. A obra-prima do Estado é a felicidade das pessoas. Este é o foco”, disse Alckmin. “Ficou claro, na campanha, que não tem ninguém contra garantir o Bolsa Família de R\$ 600. É uma necessidade, mas não estava no orçamento”.

Os primeiros nomes dos grupos técnicos anunciados foram dos coordenadores da área de Economia: André Lara Resende, Guilherme Mello, Nelson Barbosa e Pêrsio Arida. Na Assistência Social estão a senadora Simone Tebet (MDB-MS), Márcia Lopes, Tereza Campello e André Quintão. “Os grupos poderão convidar outras pessoas, professores, sociedade civil, lideranças políticas, para contribuir”, explicou Alckmin.

O vice-presidente eleito assinou também uma segunda portaria na qual instituiu a Coordenação Executiva, de Articulação Política, de Coordenação dos Grupos Técnicos e de Organização da Posse, além de um conselho político formado por representantes dos partidos que apoiaram Lula. •

## OS TRINTA E UM GRUPOS TÉCNICOS

- Agricultura, pecuária e abastecimento
- Assistência social
- Centro de governo
- Cidades
- Ciência, tecnologia e inovação
- Comunicações
- Cultura
- Defesa
- Desenvolvimento agrário
- Desenvolvimento regional
- Direitos humanos
- Economia
- Educação
- Esporte
- Igualdade racial
- Indústria, comércio e serviços
- Infraestrutura
- Inteligência estratégica
- Justiça e segurança pública
- Meio ambiente
- Minas e energia
- Mulheres
- Pesca
- Planejamento, orçamento e gestão
- Povos originários
- Previdência social
- Relações exteriores
- Saúde
- Trabalho
- Transparência, integridade e controle
- Turismo

## OS INTEGRANTES DO CONSELHO POLÍTICO

- Antônio Brito (PSD)
- Carlos Siqueira (PSB)
- Daniel Tourinho (AGIR)
- Felipe Espírito Santo (PROS)
- Gleisi Hoffmann (PT)
- Guilherme Ítalo (Avante)
- Jefferson Coriteac (SD)
- José Luiz Penna (PV)
- Juliano Medeiros (PSOL)
- Luciana Santos (PCdoB)
- Wesley Diógenes (REDE)
- Wolney Queiroz (PDT)

# O POVO NO ORÇAMENTO

Governo eleito quer Bolsa Família de R\$ 600 e aumento real do salário mínimo. Outras PECs propõem menos recursos à área social. Lula insiste nos R\$ 198 bilhões

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva nem começou a governar, mas já definiu a prioridade para 2023: recolocar o povo no Orçamento Federal. A transição começou com a apresentação de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) a ser aprovada até o final de dezembro para que o governo consiga cumprir a promessa de dar prioridade à área social.

O novo governo quer auxílio de R\$ 600, embalado no novo Bolsa Família, assegurando ainda a cada família beneficiada mais R\$ 150 por cada criança com menos de 6 anos. Além disso, Lula propõe aumento real do salário mínimo, com correção acima da inflação. E, por fim, quer a mudança da tabela do Imposto de Renda para isentar quem ganha até R\$ 5 mil por mês.

Há quatro anos, o governo Bolsonaro não corrige o mínimo, que tem seu poder de compra caindo, ano após ano, desde o Golpe de 2016, quando Dilma Rousseff foi afastada da Presidência da República num impeachment sem que tivesse cometido qualquer crime de responsabilidade. Sob Bolsonaro, a fome voltou e a desigualdade cresceu no país.

No orçamento encaminhado pelo ministro Paulo Guedes ao Congresso, em agosto, não há dinheiro para nenhuma das três propostas, que são a espinha dorsal do programa social do governo Lula-Alckmin. Tampouco estão assegurados recursos para outros programas sociais fundamentais para o bem estar da população mais carente e vulnerável, como o Farmácia Popular.

Apesar da justeza da proposta

do novo governo, o Congresso não parece ter se sensibilizado. Na terça-feira, 22, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), disse que a proposta de excepcionalização dos gastos com o novo Bolsa Família da regra do teto de gastos públicos de forma permanente “não encontra ressonância no Congresso Nacional”. A retirada do Bolsa Família do teto de gastos é um dos principais pontos da minuta da PEC de Transição.

A presidenta nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), afirmou na saída da reunião do conselho político da transição, na quarta-feira, 23, que a maior divergência no Congresso é com relação ao prazo da PEC da transição. A parlamentar defendeu a aprovação da matéria por quatro anos, mas admitiu que há resistência até mesmo entre os partidos aliados.

Na proposta da PEC entregue por Alckmin ao Congresso, a previsão de gastos extra-teto é de R\$ 198 bilhões. Os senadores tuicanos Tasso Jereissati (PSDB-CE) e Alessandro Vieira (PSDB-SE) apresentaram duas PECs alternativas com tetos bem menos robustos: R\$ 80 bilhões e R\$ 70 bilhões, respectivamente.

Segundo a equipe de Lula na transição, R\$ 175 bilhões iriam para bancar o benefício mínimo de R\$ 600 aos beneficiários do Bolsa Família e financiar a parcela extra de R\$ 150 por criança de até 6 anos. Outros R\$ 23 bilhões iriam para os investimentos públicos necessários para tirar o país do atoleiro econômico que Paulo Guedes jogou. O governo Bolsonaro faz corpo mole e tenta melar a iniciativa do novo governo. •



# DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

## E OS NOVOS VENTOS DEMOCRÁTICOS

“O racismo provoca a desumanização da pessoa em função do seu pertencimento racial, e em consequência disso há a desumanização da vida”, ensinou Luiza Bairros

### Grupo Técnico de Igualdade Racial da Transição de Governo Lula

**E**ste é um Dia Nacional da Consciência Negra diferente para o nosso país. Depois do Golpe de 2016 e com a ascensão da extrema direita ao poder, representada pelo desgoverno Bolsonaro, o Brasil e a população negra respiram ares de volta à democracia. Nesses anos de desgoverno, o povo brasileiro marginalizado que mais

precisa de um Estado forte – a população pobre, negra, LGBTQIA+, as mulheres, os indígenas, os quilombolas e demais povos tradicionais, as pessoas com deficiência, as crianças e a juventude – sofreu ainda mais com as mortes que poderiam ter sido evitadas durante a pandemia da Covid-19, com o desemprego, a violência e com o retorno do Brasil ao Mapa da Fome.

Durante toda a sua trajetória histórica e política, a população negra organizada nunca desistiu

de lutar pela democracia. E, nesta luta, jamais deixou de incluir a pauta das mulheres, dos LGBTQIA+, da pobreza, do racismo ambiental, do encarceramento em massa da população negra e tantas outras. O Movimento Negro, principal sujeito político e protagonista dessa luta, tem reeducado o Brasil, em especial, o campo progressista, na compreensão de que a luta antirracista aprimora a democracia. Afinal, a democracia não é perfeita e por isso pede e merece aprimora-

mentos. Ela se confessa imperfeita. Em regimes autoritários, no entanto, não existe a confissão da imperfeição. Existe arrogância e desrespeito.

Não basta, porém, apenas recuperar a nossa democracia tão atacada pelas forças reacionárias que subverteram a ordem e tentaram transformar o país em um espaço de ódio e intolerância. Precisamos recuperar a nossa democracia de forma mais qualificada. Por isso, ela precisa ter como base a igualdade social, racial e de gênero, com justiça social e retorno da dignidade da população brasileira. Para além disto, a democracia precisa ser antirracista! Estamos em um momento ímpar da construção do novo governo: o trabalho do gabinete de transição. Muito aprendemos nesses últimos anos sobre o quanto o combate ao racismo é urgente e que uma das formas de o realizar é por meio das políticas públicas. A recriação do Ministério da Igualdade Racial, compromisso de campanha do presidente Lula, se materializa na construção do grupo técnico com tal objetivo. Trata-se de uma ação política emancipatória.

Os ventos da emancipação social e racial nesse momento político de construção de diagnóstico do país e indicação de pontos a serem considerados pelos futuros ministros e ministras são uma tarefa relevante da transição. Sabemos que, hoje, no que se refere ao antirracismo, aprendemos e continuamos aprendendo muito mais com o Movimento Negro sobre a importância da igualdade racial como política transversal.

Dentre os aprendizados construídos pela Frente Brasil da Esperança nós, do Grupo Técnico de Igualdade Racial – neste histórico 20 de novembro de 2022, que faz parte do momento de retomada da democracia com participação social e compromisso com

a reconstrução e transformação democrática do Estado – gostaríamos de deixar algumas importantes indagações e desafios para cada grupo temático e para a coordenação da transição. São elas:

Se há acordo de que o racismo é um fenômeno estrutural e que nos últimos anos ele recrudescer em nosso país, como podemos construir políticas públicas antirracistas para além daquelas já previstas e que serão executadas na recriação do Ministério da Igualdade Racial?

## AVANÇAR EM UMA DEMOCRACIA ANTIRRACISTA SIGNIFICA QUE PRECISAMOS OLHAR PARA A SITUAÇÃO DE DESIGUALDADE NO BRASIL

Avançar em uma democracia antirracista significa que cada área da transição de governo e todo e qualquer setor governamental indaguem e olhem para si mesmos e para a situação de desigualdade racial e social existentes no Brasil e insiram o combate ao racismo nas políticas que serão formuladas pelos ministérios que representam. Se negros e negras somam 75% entre os mais pobres, como aponta o IBGE, toda e qualquer política de combate à pobreza e à fome terá de ser,

obrigatoriamente, antirracista.

Os dados sobre as desigualdades raciais já existem. O nosso desafio é avançar dos dados para a política que combata o perverso fenômeno do racismo que os origina. É implementar e materializar a Convenção Interamericana contra o Racismo, a Discriminação e Formas Correlatas de Intolerância, a Convenção 111 da OIT, a Constituição Federal e o Estatuto da Igualdade Racial.

Acreditamos que é possível porque o povo negro é sinônimo de resistência e de esperança. A população negra brasileira se apoia na esperança no sentido de Paulo Freire, ou seja, do esperar, do agir no presente para torná-lo digno e para pavimentar um futuro melhor. Uma esperança que se embasa ainda na garra e na inteligência estratégica de Dandara e Zumbi na luta em e por Palmares.

Cada 20 de novembro é tempo de reafirmar que a luta antirracista será sempre democrática, pois superar o racismo nos liberta das amarras do ódio e da ignorância. Liberta a todos nós, negros e não negros. E sinaliza para a possibilidade da igualdade com equidade. E é justamente esse tipo de sociedade de que nós precisamos na reconstrução e transformação democráticas. Devemos seguir em nossos trabalhos com os ensinamentos de Nelson Mandela, que foi capaz de unir brancos e negros na luta contra o apartheid na África do Sul: "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar". •

Integram o GT de Igualdade Racial: Douglas Belchior, Givânia Maria da Silva, Iêda Leal de Souza, Janice Ferreira da Silva (Preta Ferreira), Martvs das Chagas, Nilma Lino Gomes, Thiago Thobias e Yuri Santos Jesus da Silva.



**COMPROMISSO** Na COP27, Lula mostrou uma nova política internacional e foi aplaudido pela audiência

## LULA ANUNCIA UM NOVO TEMPO

“O Brasil não pode ficar isolado como esteve nesses últimos quatro anos”, diz o presidente eleito à comunidade internacional. Ele manteve encontros de alto nível com alguns dos principais líderes do mundo e prometeu proteger a Amazônia e os povos indígenas

**A**inda nem assumiu o poder, e Luiz Inácio Lula da Silva mostrou que o Brasil está de volta ao palco dos grandes temas globais com uma visão progressista e trazendo esperanças. O presidente eleito chegou a Sharm El-Sheikh, no Egito, para a reunião da Cúpula do Clima das Nações Unidas, saudado como um sopro de renovação e retomando a liderança brasileira na agenda verde.

Diante de uma multidão reunida na COP27, Lula anunciou que vai reprimir fortemente o desmatamento e o garimpo ilegal na Amazônia, anunciou a retomada das

relações do Brasil com as nações que financiam esforços de proteção florestal e sinalizou que o Brasil está disposto a sediar uma nova conferência em 2025.

“Não haverá segurança climática se a Amazônia não for protegida”, disse Lula, aplaudido de pé e saudado como um astro do rock. Ele declarou que todos os crimes na floresta, da extração ilegal de madeira à mineração, serão reprimidos “sem trégua” pelo novo governo que se inicia em 1º de janeiro de 2023.

O novo Brasil que surge aos olhos da comunidade internacional está na contramão do que o governo de Jair Bolsonaro esta-

beleceu nos últimos quatro anos. Sua administração estimulou a depredação florestal e promoveu o desmatamento mais rápido da floresta tropical em décadas. Sob Bolsonaro, o crime organizado se fortaleceu na Amazônia. Agora, diz Lula, isso não será mais tolerado pelo Estado brasileiro.

Em um discurso histórico, Lula anunciou no Egito, que o Brasil está disposto a sediar a Conferência do Clima das Nações Unidas, em um dos estados da Amazônia Legal, em 2025. Ele exortou os líderes dos outros países a promoverem uma “nova governança global” e ampliar as relações multilaterais para combater a crise cli-

mática. “Acho importante que as pessoas que defendem a Amazônia conheçam a região e a realidade”, justificou.

Lula foi muito aplaudido. Ele fez uma defesa dos princípios humanistas na condução do planeta. Apesar de reconhecer a gravidade do momento, deixou uma mensagem de esperança aos outros chefes de Estado. E também pediu ações concretas dos países contra as mudanças no clima, lembrando das promessas não cumpridas pelas nações ricas e os acordos que seguem sem medidas concretas.

“São tempos difíceis. Mas foi nos tempos difíceis e de crise que a humanidade sempre encontrou forças para enfrentar e superar desafios”, disse. O novo presidente brasileiro enfatizou que o tema terá papel de destaque no seu próximo governo. “O planeta que a todo momento nos alerta de que precisamos uns dos outros para sobreviver. Que sozinhos estamos vulneráveis à tragédia climática”, discursou.

Lula lamentou que o mundo não esteja atento aos problemas sociais que estão se avolumando por conta da desigualdade crescente e os conflitos. “Ignoramos esses alertas. Gastamos trilhões de dólares em guerras que só trazem destruição e mortes, enquanto 900 milhões de pessoas em todo o mundo não têm o que comer”, advertiu o presidente eleito do Brasil.

Ele também cobrou uma posição mais aberta dos países ricos, inclusive com mais recursos financeiros para reverter o quadro de desigualdade em todo o mundo. “É preciso tornar disponíveis recursos para que os países em desenvolvimento, em especial os mais pobres, possam enfrentar as consequências de um problema criado em grande medida pelos países mais ricos, mas que atinge de maneira desproporcional os mais vulneráveis”, declarou. •

Ricardo Stuckert



**DIÁLOGO** Presidente se encontrou com Kerry e Zhenhua na COP27

## REUNIÕES COM CHINA E EUA E VISITA RÁPIDA A PORTUGAL

Na primeira agenda internacional, Lula se encontra com negociadores e faz escala em Lisboa para se reunir com autoridades

A primeira viagem internacional de Lula depois do segundo turno das eleições foi um êxito para o esforço de mostrar ao mundo que o Brasil mudou e não seguirá mais isolado na comunidade internacional. Durante os encontros que manteve no Egito, Lula teve tempo para conversar longamente com alguns dos principais negociadores sobre o acordo do clima na reunião da COP27. E ainda fez uma escala na volta ao Brasil para encontros com o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e o primeiro-ministro António Costa.

Ele esteve reunido com a autoridade climática do governo dos EUA, John Kerry, e Xie Zhenhua, da China. Também se reuniu com a ministra para Transição Ecológica da Espanha, Teresa Ribera, e com o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. “O Brasil também sentia saudades do mun-

do. Estamos de volta, para ajudar no combate à fome e a crise climática”, disse. Lula recebeu garantias da retomada do financiamento do Fundo da Amazônia. Ele se reuniu com a ministra das Relações Exteriores alemã, Annalena Baerbock, e com o ministro do Clima norueguês, Espen Barth Eide.

Lula ainda manteve compromissos com representações da sociedade civil brasileira e reuniu-se com os governadores da Amazônia Legal. Nos encontros, mostrou que o país vive novo tempo, está disposto a ouvir e dialogar e conta com a participação de todos para a retomada do desenvolvimento brasileiro. “Temos muitos desafios e com a ajuda de todos vamos reconstruir o Brasil”, declarou.

Ele anunciou no Egito que o novo governo terá espaço os povos indígenas. “Quero que indígenas brasileiros participem da governança do país. Por isso estou criando o Ministério dos Povos Originários”, ressaltou. “A Funai não precisa ser dirigida por um branco”. Lula afirmou que tem “consciência moral e ética” de que é preciso ajudar na reparação pelo que fizeram com os povos indígenas no Brasil. •

## Expectations Run High as an Exuberant Lula Speaks at Climate Summit

On Luiz Inácio Lula da Silva's first trip abroad after winning last month's election, he pledged to protect the Amazon rainforest and said Brazil was "leaving its cocoon."

### **COP27: le Brésilien Lula, « de retour », redonne de l'espoir à la lutte contre le dérèglement climatique**

Le président élu, accueilli comme une rockstar à la conférence mondiale sur le climat en Egypte, a promis de mettre fin à la déforestation en Amazonie. Il a proposé d'accueillir la COP de 2025.



**ELOGIOS** A imprensa internacional cobriu de elogios as declarações de Lula na COP27, realizada no Egito

## MÍDIA GRINGA COMEMORA “A VOLTA”

Lula retoma o protagonismo brasileiro na agenda ambiental e tem sua passagem em Sharm El-Sheik, no Egito, retratada como de uma estrela do rock. "Exuberante", elogiou o *New York Times*

A passagem de Lula pelo Egito e seu discurso à comunidade internacional, exortando uma aliança global em favor da desigualdade e fazendo a defesa do meio ambiente, repercutiram imensamente na imprensa estrangeira. O *New York Times* elogiou o líder brasileiro na COP27 e disse que Lula foi "exuberante". "Na primeira viagem de Luiz Inácio Lula da Silva ao exterior depois de vencer a eleição do mês passado, ele prometeu proteger a floresta amazônica e disse que o Brasil estava 'deixando seu casulo'", destacou. O jornal disse que ele "eletrizou o encontro".

As agências internacionais de notícias também amplificaram as declarações do presidente e repercutiram seu discurso. A Reuters destacou que Lula foi recebido como um rockstar na COP27 e que prometeu proteger a Amazônia. Em outro despacho, a agência destacou outra fala do brasileiro: "Mundo deveria gastar com clima e não com guerra, diz Lula".

A Associated Press foi mais sóbria: "Em cúpula do clima, Lula promete novo dia para a Amazônia". Segundo a agência, o líder da esquerda disse que vai reprimir o desmatamento ilegal na Amazônia, retomará as relações com países que financiam

esforços de proteção florestal e pressiona para sediar uma próxima cúpula climática mundial na floresta tropical.

O *Washington Post*, o mais influente da capital americana, também fez uma cobertura positiva sobre a ida de Lula à reunião de Cúpula do Clima da ONU: "Brasil está de volta. Na COP27, Lula promete ser um líder climático global", destacou. "O presidente eleito do Brasil prometeu reverter o desmatamento, aumentando as esperanças de que o Brasil possa em breve levar outras nações vacilantes a ações climáticas mais ambiciosas", noticiou.

A mídia europeia também fez uma promoção gratuita da ima-

gem do líder brasileiro na volta do Brasil aos holofotes da arena internacional. Os jornais progressistas do Velho Mundo cobrem de elogios Lula e o Brasil, incluindo *Le Monde*, *The Guardian*, *Libération* e *Sueddeutsche Zeitung*.

O *Financial Times* foi outro a noticiar a ida do brasileiro ao encontro: "Lula promete à COP27 que 'o Brasil está de volta' na luta contra as mudanças climáticas". "Presidente eleito é saudado na cúpula da ONU com gritos de seu nome por apoiadores", relata.

O *Guardian* também fez alarde: "Lula promete desfazer a degradação ambiental e frear o desmatamento". O jornal sublinhou que "o presidente eleito diz que trabalhará para salvar a floresta amazônica e os principais ecossistemas em discurso empolgante da COP27".

E o alemão *Sueddeutsche Zeitung*: "Lula promete proteger a floresta tropical". "Além disso, ele fará da proteção do clima a principal prioridade de seu mandato. Ele conseguiu se afirmar contra o direitista Jair Bolsonaro, que havia promovido o desmatamento da floresta tropical", informa.

No *Le Monde*: "O brasileiro Lula 'de volta' dá esperança ao combate às mudanças climáticas. "O presidente eleito, recebido como uma estrela do rock na conferência mundial do clima no Egito, prometeu acabar com o desmatamento na Amazônia. Ele se ofereceu para sediar a COP de 2025", reporta Audrey Garric.

O jornal ainda replica despacho da France Presse relatando que Lula pediu a criação "urgente" de um fundo para cobrir danos climáticos. "Antes de seu tão aguardado discurso, o futuro presidente brasileiro também se propôs a organizar a conferência mundial do clima de 2025 na Amazônia", informa.

O *Libération* também foi simpática ao líder da esquerda bra-



Business

## COP27: Greeted like a rock star, Brazil's Lula promises to protect Amazon

**ESTADISTA** Reuters destaca o tratamento de 'rockstar' dado a Lula pela público presente à reunião da Cúpula do Clima e às suas promessas

sileira: "Candidato à organização da COP 30, Brasil quer se tornar uma 'força positiva' para o clima", destacou no título da reportagem. "O presidente brasileiro Lula quer romper com a política climática de seu antecessor Jair Bolsonaro", sublinhou.

A reportagem da enviada especial Margaux Lacroux tem um tom positivo: "A COP 27 marca o retorno de um Brasil amigo às negociações internacionais sobre o clima. Na era do Bolsonaro pró-agronegócio e minerador, o país foi burro: desacelerou o progresso e revisou seus compromissos para baixo. A dois meses da posse oficial, Lula, eleito presidente em outubro, era esperado com esperança em Sharm el-Sheikh".

O *Diário de Notícias*, de Portugal, também usa o material da AFP: Lula propõe a Amazônia como sede da COP de 2025. "Ele vai apresentar a proposta ao secretário-geral da ONU, Antó-

nio Guterres, e disse que há 'dois estados aptos' para organizar o encontro, Amazonas e Pará.

O argentino *Clarín* também destaca na edição de hoje a participação do novo presidente do Brasil no encontro da ONU. COP 27: Lula promete "parar" o desmatamento na Amazônia. "Seis semanas antes de assumir o cargo, o presidente eleito brasileiro iniciou uma série de aparições públicas no Egito", informa. "A aparição de Lula, que fez um retorno extraordinário aos holofotes políticos no ano passado após uma passagem pela prisão por corrupção, foi provavelmente um dos eventos mais energizantes da COP27".

O *Página 12* adota o mesmo tom: Com Lula, Brasil volta a se preocupar com mudanças climáticas. "O presidente eleito anunciou a criação de um ministério dos povos indígenas", sublinha o diário portenho. •



20 de novembro de 2004

## MORRE NO RIO O ECONOMISTA CELSO FURTADO

O Brasil perde, em 20 de novembro de 2004, no Rio de Janeiro, o paraibano Celso Furtado, um dos mais importantes pensadores brasileiros. Vítima de um ataque cardíaco, o economista deixou um legado de reflexão intelectual aliada à atuação política.

Autor do clássico “Formação Econômica do Brasil” – uma das obras de referência do pensamento econômico brasileiro –, Furtado se opunha à ideia de que o subdesenvolvimento fosse uma etapa para o desenvolvimento. Para ele, que sempre enfatizou o papel do Estado na economia, o subdesenvolvimento é uma forma de organização social do sistema capitalista.

No âmbito político, além de fundar a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) durante o governo Juscelino Kubitschek, Celso Furtado foi nomeado titular do novo

Ministério do Planejamento no governo João Goulart. No cargo, idealizou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, com regras e instrumentos rígidos para o controle do déficit público e da inflação.

Após o Golpe Militar de 1964, foi incluído na lista de cassados pelo Ato Institucional nº 1, perdendo seus direitos políticos por dez anos. Exilou-se então nos Estados Unidos e na França, onde se dedicou à vida acadêmica. Em 1981, filiou-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro e, no governo Sarney, foi embaixador do Brasil na União Europeia e ministro da Cultura.

Nas décadas de 1990 e 2000, dedicou-se a escrever sobre a globalização e o neoliberalismo, além de participar de debates e construções políticas com movimentos sociais e partidos de esquerda. Em 2003, foi indicado ao Prêmio Nobel de Economia.

19 de novembro de 2005

## SÃO PAULO GANHA VIRADA CULTURAL

A prefeitura de São Paulo promove a primeira edição da Virada Cultural em 19 de novembro de 2005. Durante 24 horas ininterruptas, a cidade virou palco para cerca de 250 atrações, como shows musicais, concertos, peças de teatro, espetáculos de dança, saraus literários e festivais gastronômicos, na maioria gratuitas.

Ainda que o centro da capital tenha aglutinado grande parte das atrações, a programação se estendeu por mais de 100 pontos, espalhados por todas as regiões da cidade. Museus e diversos outros espaços culturais permaneceram abertos madrugada adentro, alguns com visitas guiadas. Apesar da chuva, muitas das apresentações ocorreram em locais abertos, como ruas, praças e calçadas.

A Virada Cultural sinaliza a democratização do acesso às artes, ao privilegiar os espaços públicos e levar a programação às regiões periféricas. Com o sucesso da primeira edição, o evento se tornou anual, cada vez com mais atrações e público – mas transferido para o mês de maio, período menos sujeito a chuvas.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br) [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)*



18 de novembro de 2005

## LULA ABRE ARQUIVOS DA DITADURA MILITAR

Em 18 de novembro de 2005, um decreto assinado pelo presidente Lula determina que documentos da época da ditadura militar sejam enviados ao Arquivo Nacional e abertos ao público. Produzidos pelo Conselho de Segurança Nacional, pela Comissão Geral de Investigações e pelo Serviço Nacional de Informações, os materiais estavam sob custódia da Agência Brasileira de Inteligência (Abin).

Apesar do avanço no acesso público aos documentos, o decreto manteve o sigilo daqueles que, classificados como secretos ou ultrassecretos, poderiam permanecer em sigilo por até 50 anos – prazo renovável inde-

finidamente –, conforme legislações anteriores.

Já no governo Dilma Rousseff, a Lei de Acesso à Informação modificaria esse cenário ao assegurar o livre acesso como direito fundamental. Segundo a lei, uma informação só seria classificada como sigilosa se fosse imprescindível à vida, à saúde ou à segurança da população ou do Estado, e os documentos ultrassecretos só poderiam ficar em sigilo por 25 anos – prazo renovável por uma única vez.

Parte importante da revelação dos conteúdos de documentos do regime militar se daria por iniciativa da Comissão Nacional da Verdade, instituída em maio de 2012.

### Outras datas históricas

- 20/11/1910:** Revolução Mexicana.
- 21/11/1910:** Nascimento de Virgínia Leoni Bicudo, psicanalista e acadêmica.
- 22/11/1910:** Revolta da Chibata.
- 20/11/1953:** Nascimento de Nativo da Natividade de Oliveira, líder dos trabalhadores rurais em Goiás, assassinado em 23 de outubro de 1985.
- 20/11/1975:** Fim da ditadura de Francisco Franco, na Espanha.
- 22/11/1979:** Volta do pluripartidarismo durante o governo de João Baptista Figueiredo e a abertura política.
- 24/11/1999:** Começa o 2º Congresso Nacional do PT, realizado em Belo Horizonte (MG).
- 18/11/2011:** Criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) durante o governo Dilma Rousseff.
- 22/11/2019:** Realizada a abertura do 7º Congresso Nacional do PT, realizado em São Paulo (SP).



**HISTÓRIA DE LUTA** Hebe se tornou ativista dos direitos humanos em 1977, depois que os dois filhos e uma nora desapareceram nos porões da ditadura argentina. Pelo menos 30 mil pessoas foram mortas depois do Golpe de 1976

## HEBE DE BONAFINI E A RESISTÊNCIA

A presidente das Mães da Plaza de Mayo morreu aos 93 anos e pediu que suas cinzas fossem espalhadas onde denunciou o desaparecimento de milhares de militantes políticos a partir de 1977. Lula e Dilma lamentam o falecimento da lutadora argentina

A história da resistência argentina ao cerco e à brutalidade da ditadura permanece. Mas um dos seus símbolos deixou o planeta no domingo, 20. Hebe de Bonafini morreu aos 93 anos. Ela perdeu dois filhos durante a ditadura militar na Argentina (1976-1983) e transformou a luta pela busca dos mais de 30 mil cidadãos que foram assassinados naquele período em uma trincheira. Foi símbolo da luta pelos direitos humanos na América Latina. O governo Alberto Fernández decretou luto oficial por três dias.

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva lamentou a perda da histórica fundadora e presidenta

da Associação das Mães da Plaza de Mayo. "Hebe dedicou sua vida à luta por memória e Justiça. Defensora dos direitos humanos, ajudou a criar um dos mais importantes movimentos democráticos da América Latina", disse. "Sua luta e perseverança seguem sendo exemplo para os que acreditam em um mundo mais democrático".

A ex-presidenta Dilma Rousseff também elogiou a luta e o combate da histórica militante dos direitos humanos. "Hebe viverá como exemplo de mulher e personificação da coragem. Orgulho da Argentina e de toda a América Latina", afirmou. "Com a morte de Hebe de Bonafini, o mundo perde um exemplo de dignidade, uma mulher defensora da vida e luta-

dora pelos direitos humanos".

O Papa Francisco divulgou uma carta lamentando a morte da fundadora das Mães da Plaza de Mayo. "Quero estar perto de todos os que choram a sua partida", escreveu. Na carta, o Pontífice refletiu o carinho que o unia a Hebe e destacou a luta pelos pobres.

O ex-bispo de Buenos Aires lembrou que Hebe fez uma opção pelos marginalizados. "Ela soube transformar sua vida, como vocês, marcada pela dor de seus filhos e filhas desaparecidos, em uma busca incansável pela defesa dos direitos dos mais marginalizados e invisíveis", disse, na carta endereçada às Mães da Plaza de Mayo.

Às 9h20 de domingo, Hebe faleceu - aos 93 anos - no Hospital

Italiano de La Plata. Ela estava internada há uma semana, segundo fontes do governo provincial que acompanharam de perto o seu estado de saúde. No mês passado, ela havia sido internada, mas a liberaram em 13 de outubro para que pudesse continuar sob cuidados em casa. Sua filha, Alejandra, foi quem relatou a morte.

Hebe nasceu em 4 de dezembro de 1928 em uma pequena casa com piso de tijolo em El Dique, bairro operário de Ensenada. Era a filha mais velha de uma família em que o pai ganhava o pão trabalhando numa fábrica de chapéus. Chamada então de "Kika", ela sonhava ser professora. Queria ir para o Normal, mas nem a mãe nem o pai concordaram. Eles a enviaram para aprender costura. Mais tarde, continuou com o tear.

Conheceu Humberto Bonafini – ou "Toto" – no bairro. Ele era um pouco mais velho que ela. [Também trabalhador, como seu pai. A essa altura, Toto trabalhava na Rodovia Nacional. Eles se casaram em 1949 na Igreja de San Francisco de La Plata. Pouco depois, Hebe engravidou de Jorge Omar, seu filho mais velho, nascido em 1950. Aos três anos, chegou Raúl.

A sorte começou a sorrir para a família quando Toto conseguiu um emprego como funcionário da YPF. Com isso foi o suficiente para se mudarem para uma casinha mais perto de La Plata e, em 1965, nasceu Alejandra, a caçula dos irmãos. Os filhos ingressaram na Universidade Nacional de La Plata (UNLP). Jorge destacou-se como aluno de Física em Ciências Exatas e Raúl estudou Zoologia em Ciências Naturais. Ambos eram ativos no Partido Comunista Marxista Leninista (PCML). O fim dos dias felizes chegou depois do golpe militar de 24 de março de 1976. •



Arquivo de família

## A DOR DE NÃO SABER ONDE ESTÃO OS FILHOS

Foi Raúl Bonafini quem ligou para para dar a notícia à mãe: Jorge havia sido levado embora. Kika estava então cuidando de seu irmão que estava morrendo de câncer. Em 8 de fevereiro de 1977, começaram as buscas da família Bonafini pelo filho. O habeas corpus manuscrito foi apresentado pelo marido. Todos deram início ao ritual de bater nas portas das delegacias e dos regimentos para saber onde estava o filho.

Antes do desaparecimento de Raúl, Hebe não havia pisado na capital mais de uma ou duas vezes. A busca pelo filho a levou até onde estava o poder. Como outras mães, abandonou o sobrenome de solteira e adotou o de casada – para ser identificada com o do filho.

Em 30 de abril de 1977, outras mulheres que procuravam seus filhos e filhas começaram a se reunir na Plaza de Mayo. Hebe soube pela mãe de um preso político e ingressou dias depois. A primeira mãe com quem falou foi Azucena Villafior. A busca foi dilacerante, mas não estava mais sozinha.

Quando se envolveu com outras mães para arrecadar o dinheiro e as assinaturas para publicar um re-

querimento no qual denunciassem publicamente o que muitas famílias sofriam, Raúl desapareceu. Foi levado de casa em Berazategui. Era 6 de dezembro de 1977, dois dias antes do sequestro de duas das Madres na igreja de Santa Cruz.

Hebe descobriu o que havia acontecido com suas colegas, Mary Ponce de Bianco e Esther Balustrino de Careaga, no dia seguinte. Quis desistir, mas foi Azucena quem a convenceu de que era preciso seguir em frente. Finalmente, o jornal *La Nación* publicou o texto em 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos. No mesmo dia, uma turba da Escola de Mecânica da Marinha sequestrou Azucena.

"Quando sequestraram as Mães, todas as famílias diziam: 'Pare com isso, eles vão matar todos'. Foi uma batalha com as nossas próprias famílias porque o medo é uma prisão, mas nunca pensámos em sair", contou Hebe. Os golpes continuaram. Em 1978, sequestraram a nora, María Elena Bugnone Cepeda, companheira de Jorge.

No ano seguinte, na casa de Emilio e "Chela" Mignone, Hebe foi eleita presidente das Madres – que, em agosto de 1979, foi constituída como associação civil. Nos anos 80, denunciou as leis de perdão do governo de Raúl Alfonsín e, nos anos 90, os de Carlos Menem. Foi a resistência ao modelo neoliberal de fome e desemprego. •



# GAL. A VOZ DO BRASIL

Uma das grandes intérpretes da MPB, musa da Tropicália e ícone pop, a cantora baiana morre de infarto aos 77 anos. Sua arte e presença marcaram os últimos 50 anos da vida cultural do país

## Bia Abramo

Poucas cantoras podem dizer que são, ao mesmo tempo, personagem e intérprete de canções em sua homenagem. Um dos maiores sucessos de Gal Costa foi “Meu Nome é Gal”. A composição de Erasmo Carlos, de 1969, traduz com precisão o espírito colaborativo que havia então se estabelecido entre duas turmas da música brasileira, a Jovem Guarda e a Tropicália: “Meu nome é Gal/ E desejo me corresponder/ Com um rapaz que seja o tal/ (...) Meu nome é Gal/ E tanto faz que ele tenha defeito/ Ou traga no peito/ Crença ou tradição/ Meu nome é Gal/ Eu amo igual/Ah, meu nome é Gal”.

Maria da Graça nasceu em 1945, em Salvador. Era uma adolescente, portanto, quando foi lançado “Chega da Saudade” em 1958, o disco de João Gilberto que acendeu uma fagulha incontrolável em centenas de jovens pelo Brasil todo, chamando para uma música que soava nova, vibrante e plena de possibilidades. Amiga de bairro de Sandra e Dedé Gadelha, as irmãs que, mais adiante, se casariam com Gil e Caetano Veloso, conheceu Caetano em 1963 e já no ano seguinte começaria a carreira de cantora ao lado de Gil, Tomzé, Caetano e Bethânia, o grupo baiano da Tropicália.

Apesar de Salvador ter sido um importante pólo cultural nesse período, era no Sudeste que estavam os centros produtores de música,

espetáculos e os festivais das canções. Gal mudou-se para o Rio de Janeiro em 1966 e, no ano seguinte, já gravou o primeiro álbum em parceria com Caetano, “Domingo”.

Foi, no entanto, com “Tropicália ou Panis et Circensis”, o disco-manifesto de 1968, que se fixaria uma rota de inventividade e ousadia na MPB dali para frente. “Baby”, composição de Caetano e cantada pela dupla no disco, como que anunciava a mulher jovem da contracultura: “*Você precisa saber da piscina/ Da margarina/ Da Carolina/ Da gasolina/ Você precisa saber de mim*”.

Com uma voz afinadíssima, educada e límpida, Gal passava da suavidade bossanovística às distorções das guitarras em segundos. Conseguia imprimir a mesma intensidade aos sambas mais delicados e às popices vanguardistas mais experimentais. O impacto da voz de Gal nos seus dois primeiros discos, Gal (1969) e Legal (1970), e a força de sua interpretação muito particular fulguravam num cenário já habitado por excelentes cantoras e cantores, mas com um sentido de autoria que, se não era exatamente inédito, passou a ser uma marca dessa geração.

Como Nara Leão e Elis Regina, Gal – e Maria Bethânia, numa trajetória sempre próxima, mas paralela – seguiram as vozes dissonantes do lugar da cantora-mulher, agora tornadas intérpretes-curadoras. Eram conhecedoras curiosas da muita música que se fazia, reveladoras de novos compositores e verdadeiras criadoras de versões

definitivas de canções, novas ou velhas. Essa qualidade fica evidente em “Fa-Tal”, álbum duplo e ao vivo, do show homônimo dirigido pelo poeta Wally Salomão.

O disco foi gravado num dos últimos shows da longa temporada no Teatro Tereza Rachel, no Rio de Janeiro, em 1971. De Ismael Silva (“Antonico”) ao então desconhecido Luiz Melodia, do radical Jards Macalé à dupla estreante de compositores dos Novos Baianos, Moraes Moreira e Galvão, o repertório do disco percorre o melhor da tradição com o que havia de mais novo e pulsante na música brasileira. Ainda hoje, 50 anos depois, “Fa-Tal” ainda soa impecavelmente moderno e interessante.

Nos anos 1970, Gal faria nada menos que sete discos de estúdio – “Índia” (1973), “Cantar” (1974), “Gal Canta Caymmi” (1976), “Caras & Bocas” (1977), “Água Viva” (1978) e “Gal Tropical” (1979). Os Doces Bárbaros, reunião com Caetano, Gil e Bethânia em 1976 para uma série de shows pelo Brasil, de certa forma, finaliza a experiência contracultural, num grande espetáculo performático e coletivo, com presença forte da cultura e da religião afrodescendente, dos ritmos baianos do litoral e do interior e, claro, do samba.

Em “Os Mais Doces Bárbaros”, como que a canção-manifesto do projeto, cantam os quatro: “*Alto astral, altas transas, lindas canções/ Afóxés, astronaves, aves, cordões/ Avançando através dos grossos portões/ Nossos planos são muito*

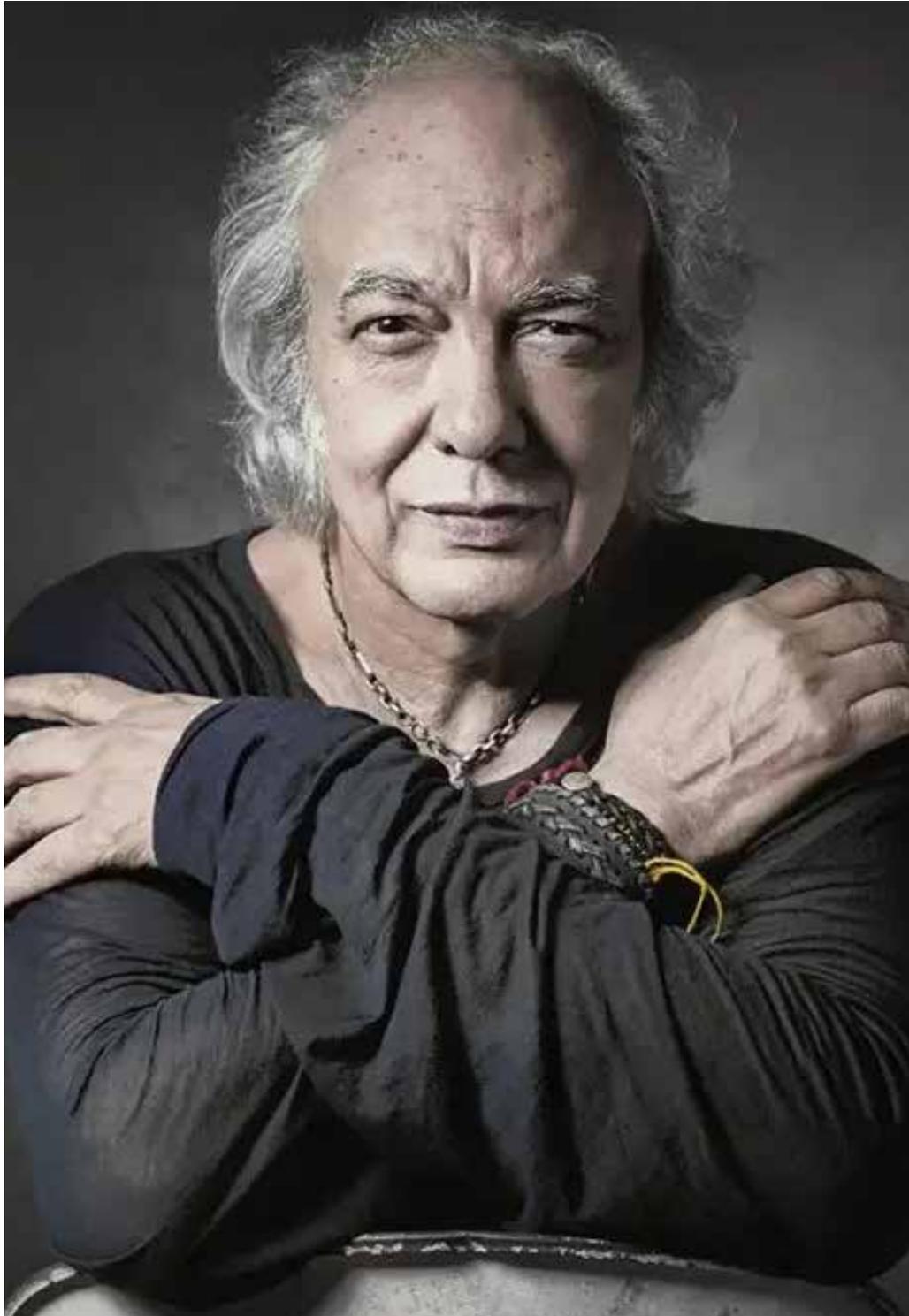
*bons/ Com a espada de Ogum/ E a benção de Olorum/ Como num raio de lansã/ Rasgamos a manhã vermelha”.*

Nas décadas de 1980 e 1990, Gal percorreria uma sólida carreira como grande intérprete, gravando canções ou participando de shows e discos com dois gênios da Bossa Nova, João Gilberto e Tom Jobim. Ainda fez parcerias com outros grandes nomes da música brasileira, como Luiz Melodia, Tim Maia e Milton Nascimento. Sua natureza tímida se agigantava com o microfone na mão e a qualidade sempre clara, cristalina de sua voz era capaz de fazer de qualquer show um grande espetáculo.

Depois de um período de certa reclusão, que também coincidiu com o processo de adoção do seu único filho, Gabriel, em 2007, e os cuidados dos primeiros anos do menino, Gal voltou com o elogiadíssimo álbum “Recanto”, em 2011.

E, desde então, entremeou o lançamento de mais três discos – “Estratosférica”, 2015; “A Pele do Futuro”, 2018 e “Nenhuma Dor”, 2021 – com os registros de palco das turnês. Se em “Recanto”, gravou apenas composições de Caetano, nos discos seguintes voltou à variedade de repertório, interpretando composições de velhos amigos como Tomzé, Jorge Mautner, Djavan e compositores da nova geração, como Céu, Emicida e, sim, Marília Mendonça, a rainha do “feminejo” cuja voz grave e potente a atraiu. Sorte enorme das novas gerações de fãs que puderam sentir a força da voz e da presença de palco de Gal.

Dona de uma vida tão linda e intensa, senhora de sua trajetória artística tão enormemente pessoal, Gal Costa partiu de repente, de infarto, aos 77 anos, em 9 de novembro, deixando o filho Gabriel, de 17 anos. •



Divulgação

# ERASMO

## O BRASIL DÁ ADEUS AO GIGANTE GENTIL

# Pioneiro do rock brasileiro e parceiro do Rei Roberto morre aos 81 anos. O Tremendão deixa saudades e uma obra de 600 canções e mais de 40 álbuns gravados ao longo de seis décadas

**U**m dos gigantes da Música Popular Brasileira, o cantor e compositor carioca Erasmo Carlos morreu na terça-feira, 22, aos 81 anos, no Rio de Janeiro. Um dos pioneiros do rock brasileiro, fundador da Jovem Guarda com o eterno parceiro Roberto Carlos, Erasmo vinha enfrentando problemas de saúde, portador de uma edemigênica, que causa acúmulo de líquido nos tecidos do corpo, provocando edemas e inchaços. A síndrome é consequência de problemas em órgãos como fígado e coração.

Autor de mais de 600 músicas e de clássicos como "Sentado à Beira do Caminho", "Minha Fama de Mau", "Mulher", "Quero que tudo vá para o inferno", "Mesmo que seja eu" e "É proibido fumar", o artista deixa uma legião de fãs e amigos que fez ao longo da sua longa carreira, que começou no final dos anos 50. Erasmo nasceu na Tijuca, em 5 de junho de 1941 e era amigo de infância de outras lendas do bairro, como Tim Maia e Jorge Ben.

Na adolescência, gostava de se reunir com a turma no Bar do Divino, na Rua do Matoso. Foi nessa época em que conheceu Roberto Carlos, durante um concerto de Bill Haley no Maracanzinho - o que teria aberto os olhos do carioca para começar seu próprio grupo de rock. Antes da carreira solo, fundou os Snakes, ao lado de outros amigos do bairro, mas que só durou até 1961.

Em seguida, Erasmo se tornaria vocalista do Renato & Seus Blue Caps. Foi ele quem garantiu a contratação do conjunto por uma gravadora e fez sucesso em uma faixa ao lado de Roberto Carlos, marcando o início da parceria

entre os dois. Erasmo compôs mais de 500 canções com o amigo. Ainda nos anos 1960, a dupla já se destacaria na linha de produção do pop, selando uma parceria que atravessou gerações, como Lennon & McCartney.

Entre 1965 e 1968, junto com Roberto e Wanderléa, tornou-se um rosto conhecido nacionalmente na esteira do programa Jovem Guarda, na TV Record. Transmitido todos os domingos, o programa trazia o trio que causava furor e tomou a audiência de assalto, chegando aos aparelhos das principais cidades do país graças ao videotape, diretamente da rua da Consolação, em São Paulo.

Foi sob a influência do rock and roll dos anos 1950 e 1960, mas principalmente dos Beatles, que Erasmo, Roberto e Wanderléa se tornaram os primeiros músicos no país com carreiras impulsionadas pela TV. E tomaram o país.

Ele também se transformou em astro do cinema, estrelando filmes ao lado do Rei e da Ternurinha, como "Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-Rosa" (1968) e "Roberto Carlos a 300 Quilômetros por Hora" (1972). Ainda em 1972, estrelaria o filme "Os Machões", ao lado de Reginaldo Faria, também diretor, e de Flávio Migliaccio.

Sua estreia na telona, contudo, ocorreu em 1958, quando ele e Roberto fizeram uma ponta na chanchada "Minha sogra é da polícia", como parte de uma banda de rock fictícia liderada por Cauby Peixoto - ideia de ninguém menos que o produtor Carlos Imperial, que praticamente criou a Jovem Guarda. O movimento criado pelos amigos da Tijuca virou o Brasil do avesso e colocou a juventude na mira de uma revolução musical que ganhou na Ilha de Vera Cruz a

força de uma 'beatlemania'.

Não havia quem fosse jovem em meados dos anos 60 e não fosse atingido pelo turbilhão pop capitaneado pelo trio da Jovem Guarda, que revolucionou a MPB, para desgosto dos caretas. Nem todos os futuros ícones da música nacional, contudo, fizeram cara feia para o movimento do iê-iê-iê. Houve quem tivesse entendido de cara a sublevação do movimento artístico.

Essa turma eram os futuros tropicalistas. Foi na esteira do programa televisivo "Jovem Guarda" que Erasmo se aproximou dos baianos Caetano Veloso e Gilberto Gil, fundadores do movimento que representou uma ruptura na linha evolutiva da MPB. Os dois artistas passaram a flertar abertamente com o rock britânico, misturando-o ao baião e forró e outros ritmos estrangeiros, causando a fúria dos puristas. Quem chamou a atenção dos baianos para o trabalho da Jovem Guarda foi Maria Bethânia. Não se pode esquecer que, em pleno ano de 1967, houve quem liderasse uma passeata de artistas contra a guitarra elétrica. Loucura.

Mas, ele e Roberto jamais saíram do panteão olímpico. E Erasmo, apesar da fama de mau, passou a ser conhecido como Gigante Gentil pelos muitos amigos que fez ao longo dos anos. Foi querido por gerações de outros talentos da MPB. Ao longo de mais de 60 anos de carreira, estabeleceu parceria com muitas estrelas, além de Roberto e Wanderléa. E gravou com Chico Buarque, Lulu Santos, Zeca Pagodinho, Skank, Los Hermanos, Djavan, Adriana Calcanhotto, Marisa Monte, Frejat, Marisa e Milton Nascimento. Agora, deixa a saudade. E canções memoráveis. •

# A VOZ DA MÚSICA REGIONAL

O ator, músico e apresentador Rolando Boldrin morre aos 86 anos. Ele foi um cultor das culturas regionais e populares do Brasil

**E**m 17 anos à frente do “Sr. Brasil”, programa semanal exibido pela TV Cultura, foram inúmeros os musicais abrigados pelo apresentador Rolando Boldrin, que morreu em 9 de novembro, aos 86 anos. Paulista de São Joaquim da Barra, Boldrin começou a carreira artística como apresentador na rádio local. Participou do início da TV brasileira, atuando na Tupi, nos anos 1950.

Trabalhou a vida inteira como ator, tanto no cinema quanto em televisão. Na telona, estrelou filmes de grandes diretores brasileiros, como João Batista de Andrade (“Doramundo”, 1978, e “O Tronco”, 1999), Walter Lima Jr. (“Ele, o Boto”, 1987). Em seu último papel no cinema, em “O Filme da Minha Vida” (2017), foi dirigido e atuou ao lado de Selton Mello. Seu papel em “O Tronco” rendeu prêmio de ator coadjuvante no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Nas diversas telenovelas nas quais participou, Boldrin destacava-se pela fala mansa, do sotaque paulista de interior que nunca perdeu e pela capacidade de contar histórias (ou “causos”). Fez novelas, sobretudo nas emissoras paulistanas, como a extinta Tupi (“Mulheres de Areia” (1975), Record (“O Profeta”, 1977) e na superprodução de Benedito Ruy Barbosa para a TV Bandeirantes “Os Imigrantes”, 1981.

O ano de sua última atuação em novela coincidiu com sua estreia como apresentador na TV Globo, em “Som Brasil”. Foi a partir desse programa que se



delineou o estilo de Boldrin, um apresentador sempre simpático e receptivo, contador de histórias cheias de humor ingênuo e um sujeito interessadíssimo na cultura popular e regional brasileiras.

Compositor e excelente violonista, Boldrin interagiu com músicos, artesãos, trupes de atores, com a naturalidade de quem conhecia a fundo esse e outros ofícios que compõem o enorme painel da cultura brasileira. Ainda que tenha vindo da enorme tradição da moda de viola caipira, também transitava pela MPB. Amigo de Renato Teixeira, revelou nomes como Almir Sater e Pena Branca & Xavanzinho, entre outros.

Purista, rejeitava a música caipira de alto sucesso popular e preferia as velhas duplas – no “Som Brasil”, Ranchinho, sem Alvarenga, que já tinha morrido, tinha um quadro fixo.

Ou artistas da MPB com raízes profundas nas músicas regionais, como Milton Nascimento, Egberto Gismonti e Elomar.

Uma frase de sua autobiografia mostra sua (quase) intransigência no que diz respeito à autenticidade de determinados estilos: “A música caipira é a música do caboclo, purinha, sem influência nenhuma. Essa música sertaneja de alto consumo eu não considero música brasileira porque é produto de importação”.

Sua obra musical própria conta com mais de 40 álbuns, incluindo ao vivos, tributos e CDs nos quais também conta histórias. Um de seus mais famosos bordões – “vamos tirar o Brasil da gaveta”, –além de ter sido tema de samba-enredo da escola de samba paulista Pérola Negra no Carnaval, representa com precisão sua trajetória pessoal e artística. •



# MORRE PABLO MILANÉS

Cantor e compositor faleceu em Madri, aos 79 anos, depois de enfrentar um quadro infeccioso. O artista era um dos ícones da chamada Nova Trova Cubana e uma lenda na América Latina

Um dos mais importantes artistas da América Latina morreu na terça-feira, 22 de novembro. O cantor e compositor cubano Pablo Milanés faleceu aos 79 anos em Madri, na Espanha, onde vivia há anos com a esposa, Nancy Pérez. O cantor e compositor estava prestes a fazer algumas apresentações, mas suspendeu os shows devido a sua internação. Ele planejava ir ao México e República Dominicana.

Milanés foi hospitalizado por uma série de infecções recorrentes que nos últimos três meses afetaram seu estado de saúde. A informação foi distribuída à imprensa

em comunicado. “Esta situação clínica é secundária a uma doença onco-hematológica que ele sofria há vários anos e que o obrigou a instalar-se em Madrid no final de 2017 para receber tratamento”, apontou o boletim médico.

O artista nasceu em Bayamo, na província de Oriente de Cuba, em 24 de fevereiro de 1943. Em 1964 integrou o quarteto Los Bucaneros. No ano seguinte, com apenas 22 anos, iniciou sua carreira solo. Aos poucos voltou-se para as canções políticas e em 1968 conheceu Silvio Rodríguez pela primeira vez na Casa de las Américas, naquele que seria o preâmbulo da chamada Nueva Trova Cubana.

A partir dali, a carreira de Milanés ganhou o mundo. O cantor e compositor gravou mais de 40 álbuns e promoveu turnês pelo mundo de língua espanhola, incluindo a Argentina, mas também era um frequentador do Brasil, onde manteve amizade com Chico Buarque, Milton Nascimento e

Caetano Veloso. Ele gravou com os três brasileiros.

Músicas como “Años”, “Yolanda” e “Yo pisaré las calles nuevo” viraram hinos. Em 1988, Pablo ganhou o prêmio de melhor trilha sonora no Festival de Veneza pela música “Un señor muy viejo con unas alas enormes”, de Fernando Birri, baseado no conto de Gabriel García Márquez. Em 2005, foi agraciado com o Prêmio Nacional de Música de Cuba.

O presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel Bermúdez, lamentou a morte do artista, uma das grandes vozes da ilha. “Pablo morreu, lemos ao acordar nesta terça-feira na Rússia, e a dor vem com a notícia. Desaparece fisicamente um de nossos maiores músicos”, disse. “Voz indissociável da trilha sonora da nossa geração. Minhas condolências a sua viúva, aos filhos e a Cuba”. Sua última apresentação em Cuba foi o concerto na Cidade Desportiva de Havana, em 21 de junho de 2022. •

# O JEITO BRASILEIRO DE JOGAR VÔLEI

Ícone do esporte feminino, Isabel Salgado brilhou no vôlei de quadra e de praia e atuou como técnica. Esportista brilhante, integraria o grupo de Esporte da equipe de transição

**N**o final dos anos 1970, quando Isabel Salgado já jogava profissionalmente pelo Flamengo, os times que dominavam as quadras eram de grandes potências esportivas: Cuba e Estados Unidos, nas Américas; Itália e Alemanha Ocidental e Oriental, na Europa; União Soviética e Japão, na Ásia. Esporte que exige uma enorme habilidade técnica, estratégia e, sim, força física, o vôlei de alto nível tornou-se um espetáculo de movimentos graciosos, saltos inacreditáveis, salvadas de bola milagrosas: é um esporte que se presta muito a ser assistido na TV e a ter uma torcida apaixonada.

Maria Isabel Barroso Salgado participou como titular da Seleção Brasileira de vôlei das duas últimas Olimpíadas da Guerra Fria: Moscou, em 1980, e Los Angeles, em 1984. Ao lado de Jacqueline e Vera Mossa, essas jogadoras ágeis, brilhantes encantaram o mundo – e uma geração de meninas brasileiras. Se as décadas anteriores foram as do futebol, nos anos 1980, o quente era jogar vôlei – na praia, nas quadras, em rodas nas ruas e nas escolas.

Isabel começou a jogar cedo, no time juvenil do Flamengo. Com 13 anos de idade, já era



titular do time e foi convocada para a Seleção Brasileira Juvenil, que conquistou o ouro no Campeonato Sul-Americano de Voleibol Feminino Sub-20, em La Paz (Bolívia), em 1976. Quando foi à primeira Olimpíada, não tinha ainda completado 18 anos.

Jogadora talentosa e versátil, Isabel exercia liderança dentro das quadras. Jacqueline Silva, companheira de seleção e com quem, mais tarde, formou uma dupla de vôlei de praia, relembra a amiga: “Jogou vôlei no mais alto nível e fez com que o esporte saísse do caráter de amador para se tornar profissional. Era musa quando o esporte ainda não era nada. Uma pessoa intensa, com uma história linda dentro e fora de quadra. Fez tudo isso ainda sendo mãe, com uma família linda”.

Mais do que apenas uma “musa”, Isabel foi um ícone do esporte feminino. Jogou grávida, levou a família toda quando se transferiu para um time na Itália, abandonou uma carreira segura

no vôlei de quadras para se dedicar ao vôlei de praia, modalidade na qual o Brasil passaria a se destacar em campeonatos mundiais e Olimpíadas. E foi técnica, tanto nas quadras quanto na praia. Teve seis filhos, três dos quais são estrelas do vôlei de praia: Maria Clara, Carol Solberg e Pedro Solberg.

Mais recentemente, integrou com Walter Casagrande o coletivo Esporte pela Democracia, coletivo de ex-atletas profissionais dedicado a discutir políticas públicas para o esporte. Por sua atuação e posições progressistas, Isabel foi convidada a integrar a equipe de Esporte do grupo de transição do governo Lula.

Morreu aos 62 anos, em São Paulo, antes de ir à Brasília para começar a participar dos trabalhos da transição. Em sua homenagem, Aloizio Mercadante sugeriu à diretoria do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em Brasília, que uma sala de cinema do espaço seja rebatizada com o nome da atleta. •



# A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •  
Fernando Haddad • Frei Betto  
• Izabella Teixeira • João Manuel  
Cardoso de Mello • Luis Nassif  
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •  
Marilena Chaui • Paulo Betti  
• Rogério Cerqueira Leite •  
Silvio Almeida • Tereza Cristina

FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

# História do povo brasileiro

JOSELI NUNES MENDONÇA

## Cenas da abolição

Escravos e senhores no Parlamento e na Justiça

